

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

**RELAÇÕES DE VINCULAÇÃO DOS JOVENS  
INSTITUCIONALIZADOS COM OS CUIDADORES  
FORMAIS**

ANABELA DOS SANTOS

Dissertação de Mestrado em Serviço Social

Coimbra, 2013



# **Relações de Vinculação dos Jovens Institucionalizados com os Cuidadores Formais**

ANABELA DOS SANTOS

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de  
Mestre em Serviço Social

Orientadora: Professora Doutora Sónia Catarina Carvalho Simões

Coimbra, novembro de 2013

## **Agradecimentos**

A realização desta investigação não seria possível sem o apoio e ajuda de algumas pessoas às quais não posso deixar de agradecer.

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os jovens que deram “voz” a esta dissertação e partilharam comigo parte das suas lembranças e perspectivas. De igual modo, agradeço à Comunidade Juvenil São Francisco de Assis, por me abrirem as portas sem medo de “avaliações”. A ambos agradeço a possibilidade de me permitirem avançar com este projecto.

À Professora Doutora Sónia Simões por ter aceitado o desafio desta orientação, pela constante partilha de conhecimentos. Pela disponibilidade que sempre mostrou para me ouvir, pela pertinência e rigor em todas as propostas de aperfeiçoamento deste trabalho. Sem a sua orientação não seria possível envergar pela linha de investigação adotada.

À Professora Doutora Helena Mouro por ser a impulsionadora do meu “motor” de motivação. Guardo com carinho o seu apoio, disponibilidade e todas as indicações que partilhou comigo desde o início deste percurso.

Aos meus avós maternos, Nazaré e José Pereira, por serem os melhores avós e pais, por me terem criado como filha que sou. Agradeço-lhes todos os ensinamentos, carinho e apoio, sou resultado da sua educação espero saber sempre retribuir-lhes o afeto que sempre me transmitiram.

À minha mãe pelo apoio incondicional e presença constante na minha vida, por acreditar sempre em mim. Pelo exemplo de mulher lutadora que sempre foi e é. Apesar da distância está sempre comigo, na saudade, no carinho e no grande orgulho que sinto em ser sua filha. Ao João por todo o apoio e por estar sempre disponível ao lado da minha mãe para me ajudar em tudo!

Ao meu tio Toninho pelo apoio desde sempre e por me ajudar no meu percurso académico, parte do que sou devo-o também a ele, obrigada.

Aos meus irmãos, Márcio e Adriana. Márcio, recordo sempre as nossas brincadeiras de miúdos para minimizar os efeitos das saudades, até hoje ainda não me habituei ao facto de estares longe de mim. Adriana, a mana cujo único defeito é a constante distância que sempre nos separou, continuamos a encontrarmo-nos sempre que cruzamos o olhar com a Lua.

Ao Jorge, o tio mais novo que é na verdade um irmão mais velho, um amigo, um confidente, um porto de abrigo. Aquele que nunca se importou de partilhar o amor dos seus pais com os sobrinhos mais novos.

Aos tios, Abílio e Catarina, pela constante lembrança, pelos telefonemas e pela preocupação de sempre perguntarem “como é que estás?”. São também eles, mais do que tios, irmãos.

Ao Filipe, pelo companheirismo, dedicação e apoio durante estes 8 anos. Pelo amor feito de amizade e respeito, por estar sempre comigo, disponível para me ajudar em tudo. Por ser o meu *zahr* e caminhar comigo lado a lado.

Ao meu bisavô “Vô Bilo”, apesar de já não estar presente entre nós, continua a fazer parte da minha vida, através das memórias de afeto que guardo dele. Por me ensinar a contar até 5, pelas histórias dos tempos antigos que ocupam o meu imaginário até hoje. Sei que teria orgulho em mim e no meu percurso académico, por mais anos que passem sei que está ao meu lado.

E aqueles que escolhi para fazerem parte da minha família, os amigos, em especial à Cidália, Susana e Francisca pela amizade verdadeira que me transmitem.

Para além destes, fica igualmente o meu muito obrigado a todos os familiares e amigos que fazem parte da minha vida!

## Resumo

No quadro da teoria da vinculação, é possível estabelecer relações de vinculação ao longo de toda a vida, sendo que, apesar dos jovens institucionalizados rejeitarem estabelecer novas relações de vinculação numa fase inicial, acabam por procurá-las, desde que essa figura desempenhe funções de cuidador responsivo, de modo estável e apoiante.

Este estudo tem como objetivo principal perceber se as crianças e jovens acolhidos em Lares de Infância e Juventude (LIJ) estabelecem relações de vinculação com os cuidadores formais e compreender como essa relação foi construída.

Foram utilizados os questionários *Important People Interview* (IPI; Kobak e Rosenthal, 2010) e *Hierarquização das Figuras Significativas por Campos de Vida* (HFSCV), criado para incluir os jovens que consideram não terem desenvolvido relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ. Foi, ainda, realizada uma entrevista semiestruturada. Apesar de usarmos uma metodologia quantitativa para análise dos resultados dos dois primeiros questionários, esta investigação prima sobretudo pela abordagem qualitativa, através do recurso à técnica de análise conteúdo das entrevistas.

O estudo foi realizado no LIJ “Comunidade Juvenil de São Francisco de Assis”, localizado em Coimbra, contando com a participação de 16 jovens de ambos os géneros, com idades entre os 13 e os 19 anos ( $M=16$ ;  $DP=1,8$ ), com tempo de permanência no LIJ igual ou superior a 2 anos contínuos. Estes 16 jovens constituem a amostra total da investigação, sobre a qual incidiu a primeira parte do estudo (abordagem quantitativa), ao que se seguiu a segunda parte do estudo (abordagem qualitativa), que contou com a participação de uma subamostra de 11 jovens, pertencentes à amostra total.

Os resultados sugerem que a maioria dos jovens estabeleceu relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ, sendo que a maioria das hierarquias das figuras de vinculação foram constituídas com base nos laços de familiaridade e na ligação afetiva com os seus cuidadores formais. Os jovens destacaram a compreensibilidade, confiabilidade e disponibilidade para o auxílio como sendo as características que determinaram a sua preferência em relação aos cuidadores formais do LIJ. Refira-se, ainda, que as situações que ativam a procura destas figuras estão relacionadas com a necessidade de apoio e proteção.

O presente estudo sugere que é possível um LIJ promover relações semelhantes às desenvolvidas em meio familiar e atuar de forma reparadora ao nível das relações de vinculação.

**Palavras-chave:** jovens institucionalizados, Lares de Infância e Juventude, cuidadores formais, relações de vinculação.

## Abstract

In the attachment theory framework, one can establish attachment relationships throughout one's life. In the case of institutionalized youngsters, even though at first they seem to refuse new attachment relationships, these adolescents end up looking for them, if the person is perceived as a responsive, stable and supportive caregiver.

The main goal of this study is to understand whether children and young people taken into Child and Youth Residential Care establish attachment relationships with formal caregivers and, if so, understand how that relationship is built.

We have used the questionnaires *Important People Interview* (IPI; Kobak & Rosenthal, 2010) and *Hierarquização das Figuras Significativas por Campos de Vida* (HFSCV) (Hierarchization of Significant Figures by Life Fields), created to include the youngsters who consider not have developed attachment relations with Residential Care's formal caregivers. We have also conducted a semi-structured interview. Even though we used a quantitative methodology to process the results of the two inquiries, this research nevertheless privileges a qualitative approach, thorough the technique of analysis of interview content.

The study was conducted at the “Comunidade Juvenil de São Francisco de Assis” residential care institution, in Coimbra, Portugal. It had the participation of 16 youngsters of both genders, with ages between 13 and 19 ( $M=16$ ;  $DP=1,8$ ), who had been staying at the home for two or more years, non-interrupted. These 16 adolescents are therefore the total sample for this study, and all of them were submitted to the first part (the quantitative approach) of the research. For the second part (the qualitative approach) we worked with a subsample of 11 youngsters, chosen from the initial sample of 16.

Results suggest that most young people have indeed developed attachment relationships with residential care's formal caregivers, and most hierarchies of attachment figures were built based on familiarity and affection bonds with their formal caregivers. The subjects have highlighted *understanding*, *trustworthiness* and *helpfulness* as the features that best determine their preference regarding formal caregivers. We must note that the need for protection and support is what enables young people to look out for attachment figures the most.

The current study suggests that it is possible for Child and Youth Residential Care to promote relationships similar to those developed in family environment and acts as repairing in what concerns attachment relationships.

**Key Words:** Institutionalized youth, Child and Youth Residential Care, formal caregivers, attachment relationships.

“As crianças e adolescentes desprovidos de meio familiar merecem o mesmo do que quaisquer outras crianças. Vítimas de erros, atos e omissões dos adultos por eles responsáveis, dos pais aos restantes elementos da família e da sociedade, têm percursos de vida difíceis, traumáticos e negativos. Só por isso, quanto mais não fosse, são merecedores de todos os cuidados e carinhos que possam contribuir para que o presente não se torne obrigatoriamente futuro, e para que consigam inverter a tendência destrutiva do seu percurso de vida, transformando-a em projetos de sucesso, de integração e de tranquilidade.”

Instituto da Segurança Social, 2005 – Manual de Boas Práticas

“ A vinculação ultrapassa o indivíduo e enraíza-se na espécie humana, por isso, qualquer ataque à sua viabilização põe em perigo a existência do nosso ser. “

Soares, 2007, p. 20

## Introdução

### Crianças e jovens em perigo - da proteção ao acolhimento institucional

A infância é um período de grande vulnerabilidade a condições adversas, em particular quando se verifica pobreza familiar, cabendo ao Estado garantir os cuidados mínimos necessários que assegurem a sobrevivência e bem-estar, quando a família não consegue promover um desenvolvimento equilibrado da criança ou jovem (Martins, 2004). A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP<sup>1</sup>) define as situações em que uma criança se encontra em perigo e as medidas de promoção e proteção (artigos 3, 34, 36 da LPCJP). Estas medidas podem ser executadas em meio natural de vida (apoio junto aos pais ou outro familiar, confiança a pessoa idónea, e apoio para a autonomia de vida) ou em regime de colocação (acolhimento familiar, acolhimento em instituição e confiança a instituição com vista futura a adoção). O acolhimento institucional em Lar de Infância e Juventude LIJ processa-se através de “...resposta social, desenvolvida em equipamentos, destinada ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, de duração superior a seis meses (...)” (artigos 50 e 51 da LPCJP; Gomes, 2010). O *Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens - CASA 2012* (ISS *et al.*, 2013) refere que, em 2012, 64,4% (5.513) das crianças e jovens em situação de acolhimento se encontravam em LIJ. Em Portugal existe uma clara tendência para as medidas de colocação institucional, uma vez que o acolhimento familiar representa um valor residual de 4,9%, comparativamente ao acolhimento em CAT e LIJ que representam, conjuntamente, 88,9% dos casos. Os dados relativamente ao tempo de permanência no local de acolhimento demonstram que 45,4% das crianças e jovens estavam acolhidos há um ano ou menos, 33,8% encontravam-se acolhidos há mais de 4 anos, sendo que os restantes 20,8% estão acolhidos há 2 ou 3 anos. Por seu lado o tempo médio de permanência em LIJ<sup>2</sup> é bastante elevado, uma vez que 83,4% destas crianças estão acolhidas em LIJ há 7 ou mais anos, 76,3% há 4-6 anos e 64,5% há 2-3 anos (ISS *et al.*, 2013).

A institucionalização de uma criança ocorre quando os pais de alguma forma não zelaram pelo seu bem-estar, por isso, é previsível que esta traga consigo uma história à qual está inevitavelmente associado algum tipo de perda e sofrimento (Alves, 2007; Gomes, 2010;

---

<sup>1</sup> Lei nº 147/99 de 1 de setembro.

<sup>2</sup> Crianças e jovens em situação de acolhimento em CAT, LIJ e FA por tempo de permanência no último acolhimento (% face total crianças e jovens em situação de acolhimento por intervalo de tempo de permanência), N=8.557 crianças e jovens (ISS *et al.*, 2013, p. 34).



Magalhães, 2005; Mota e Matos, 2008; Tinoco e Franco, 2011), tendo passado por uma situação de separação (provisória ou definitiva) de abandono e/ou morte (Tinoco e Franco, 2011). A par desta separação, normalmente somam-se experiências de trauma, dor, violência, negligência e abusos, portanto, para além da perda do seu meio e espaço familiar juntam-se outras perdas, como a de segurança, da inocência e da confiança (Gomes, 2010; Magalhães, 2005). Estas perdas e ausências acompanham a realidade do acolhimento de crianças e jovens, às quais se acrescentam, ainda, a sentimentos de punição, desconfiança, estigmatização, discriminação social e o medo do desconhecido (Gomes, 2010). As crianças e jovens que foram vítimas de maus-tratos apresentam tendências depressivas, elevados níveis de desestruturação, um nível de desenvolvimento inferior, por comparação a crianças em meio natural de vida e podem, ainda, apresentar condutas agressivas (Pinhel, Torres e Maia, 2009). Hukkanen, Sourander, Bergroth e Piha (1999) desenvolveram um estudo com jovens institucionalizados, encontrando associações entre diversas experiências de separação e situações traumáticas (*e.g.* maus tratos, negligência) e distúrbios emocionais e comportamentais. Todas estas situações dificultam ainda mais a integração da criança ou jovem, no seu acolhimento em LIJ (Mota e Matos, 2008).

Tendo em conta a debilidade em que se encontra a criança ou jovem e, de forma a evitar a acumulação de mais perdas, é indispensável que os LIJ saibam recebê-las e acolhê-las de forma a conseguir minimizar os riscos do acolhimento. Também por isso, as “...crianças e jovens institucionalizados apresentam uma perturbação reativa da vinculação com efeito do acolhimento institucionalizado, prevalecendo padrões de vinculação disfuncionais com as figuras cuidadoras (...) [sendo] uma das manifestações típicas (...) [a] dificuldade em desenvolver uma vinculação segura com um cuidador de referência.” (Pinhel *et al.*, 2009, p. 512).

### **Institucionalização e vinculação**

John Bowlby (1969, 1973) defende que a necessidade do ser humano estabelecer vínculos emocionais está presente ao longo de todo o seu ciclo de vida, não se limitando aos primeiros anos de vida. Define vinculação como uma predisposição inata da criança para procurar e formar relações de vinculação com os seus cuidadores primários, também designados por *caregivers*<sup>3</sup> (Bowlby, 1969). Para o autor, é suscetível transformar-se numa figura de vinculação qualquer pessoa que se envolva numa interação social viva e durável com o bebé e que responda facilmente aos seus sinais e às suas aproximações (Guedeney,

---

<sup>3</sup> *Caregiver*: «aquele que cria», figura parental.

2004). Howes (1999) refere três critérios de identificação das figuras de vinculação: (1) proporcionarem cuidados físicos e emocionais; (2) terem continuidade ou consistência na vida da criança; (3) fazerem um investimento emocional na criança (Rabouam e Moralés-Huet, 2004). Na criança, o significado de base segura percebe-se através da proximidade física com a figura de vinculação, contudo com o desenvolvimento, este conceito é mentalizado emocionalmente, através da construção de um modelo interno dinâmico, traduzindo-se na acessibilidade desta figura de vinculação, que é o seu *porto seguro*. Os modelos internos dinâmicos de vinculação contêm os conhecimentos e expectativas construídos a partir das interações continuadas com as figuras de vinculação. Funcionam, assim, como mapas cognitivos que o indivíduo constrói e tem sobre si próprio e o seu comportamento, bem como o dos outros e do mundo (Bowlby, 1969).

Uma vinculação duradoura desenvolve-se apenas com um leque muito restrito de figuras, ou seja, com as mais significativas na prestação de cuidados, acabando por se distinguir uma destas figuras, que se transforma na figura principal para a criança (Bowlby, 1969; Matos, 2002). A maioria das crianças podem ter mais do que uma figura de vinculação, contudo a propensão é para ficar particularmente vinculada especialmente a uma figura de vinculação, processo que Bowlby (1969) designa de monotropia. Não obstante, a criança constrói uma hierarquia de preferências quanto às figuras de vinculação, processo influenciado pelo modo como se estruturam as rotinas de prestação de cuidados (Bowlby, 1969; Simões, 2011). Em situações adversas a criança tende a procurar a figura seguinte na ausência da anterior, e assim sucessivamente (Bowlby, 1969; Matos, 2002). Salvaterra (2007) questiona se o facto da criança ter mais de uma figura de vinculação, enfraquecerá a sua ligação com a figura de vinculação principal. De acordo com a reflexão deste autor sobre os estudos de Shaffer e Emerson (1964) e Ainsworth (1967), as crianças com uma vinculação mais forte a uma figura são as que tendem a dirigir o seu comportamento social para outras figuras discriminadas, ou seja, quanto mais insegura for a criança, mais inibida será a desenvolver ligações com outras figuras e vice-versa.

Existem outros sistemas relacionais e, subsequentemente, outras potenciais figuras de vinculação, como as educadoras, amas ou avós, muito embora o seu lugar na hierarquia de preferências da criança possa ser diverso (Matos, 2002; Rabouam e Moralés-Huet, 2004). Estes meios permitem que a criança tenha uma nova possibilidade de atualização e organização interna, contudo mantêm-se as influências das experiências anteriores (Matos e Mota, 2008). Independentemente do grau de importância e da diversidade destas figuras, estas novas e diferentes experiências possibilitam que a criança seja capaz de (re)construir

uma vinculação segura (Matos e Costa, 1996). Com a entrada na escola e, posteriormente, na adolescência emergem algumas figuras de vinculação que se podem evidenciar como essenciais para o desenvolvimento de uma base segura (Mota e Matos, 2008). Assim, a organização da hierarquia da vinculação tende a sofrer alterações ao longo do desenvolvimento (Matos, 2002), principalmente a partir da adolescência.

Uma vez que muitas crianças não vivem em contextos familiares tradicionais, como é o caso dos lares e hospitais, designa-se como figuras cuidadoras todos aqueles que, unidos por laços biológicos ou outro, prestam cuidados à criança de forma continuada (Matos, 2002). Todas as crianças desenvolvem relações de vinculações com os seus progenitores, quer estes cumpram ou não com as suas tarefas (Guedeney, 2004). Contudo, os laços emocionais que se estabelecem entre pais e filhos dependem da sensibilidade para dar respostas às necessidades, da proximidade e da segurança da criança, sem esquecer a disponibilidade física e emocional dos pais, e só desta forma é que estes serão acessíveis e responsivos para a criança (Matos, 2002).

Magalhães (2005) refere que, mesmo na presença de cenários de maus tratos ou negligência parental, estar inserido num meio familiar é, de algum modo, um fator de proteção e organização interna. Este facto dificulta ainda mais a forma como o jovem perceciona o acolhimento institucional. Porém, a presença de uma relação de vinculação com os pais não representa, necessariamente, qualidade da vinculação (Matos, 2002, Muchata, 2011, Salvaterra, 2007, Soares, 2007a). Acrescente-se que, tanto a formação de relações de vinculação nos locais de acolhimento e de guarda, como a construção da relação de vinculação à mãe têm subjacente o mesmo processo (Rabouam e Moralés-Huet, 2004). Assim, de acordo com Mota e Matos (2008), uma vinculação insegura sujeita os jovens a procurar alternativas de sobrevivência, refugiando-se no silêncio, na indiferença e no afastamento.

Dada a situação frágil das crianças acolhidas em LIJ, encontrar adultos disponíveis, preocupados, afetuosos e atentos são condições obrigatórias para que estas desenvolvam novos comportamentos de vinculação. Só desta forma será possível resolver a carência de uma base segura, isto é, o sentimento de confiança em si, nos outros e no mundo, que se prende com a responsividade por parte de uma figura de apoio, de proteção que esteja acessível e disponível (Guedeney, 2004).

Tinoco e Franco (2011) referem que tão mais destruturador será para as crianças institucionalizadas se, para além da separação e da perda, elas não tiverem alguém para

assumir o seu cuidado. Apesar das crianças/jovens institucionalizados apresentarem dificuldades em estabelecer vinculações (Pinhel, Torres e Maia, 2009), estas não persistem durante muito tempo, uma vez que acabam por procurar novas relações, desde que os adultos, suscetíveis a serem figuras de vinculação, se mostrem cuidadores carinhosos, estáveis e disponíveis para satisfazer as suas necessidades (Bowlby, 1973). Este facto constitui uma oportunidade para o LIJ intervir de forma “reparadora”, minimizando as repercussões negativas do acolhimento (Pinhel *et al.*, 2009), através da prestação de cuidados maternos muito próximos daqueles que a criança/jovem receberia no seio família (Bowlby, 1973). Assim, “a presença de figuras capazes de satisfazer as necessidades básicas da criança, onde se inclui o afeto, carinho, proteção e segurança, proporcionam o desenvolvimento de mecanismos de regulação emocional e um sentimento de competência pessoal na criança, reforçando uma representação positiva de si própria e das figuras de vinculação.” (Mota e Matos, 2008, p. 368).

Nas crianças/jovens em acolhimento, são construídas relações de vinculação através da vivência com outras figuras significativas que podem dar respostas pessoais, afetivas e sociais de qualidade, potenciando um desenvolvimento adaptativo. Estas figuras podem ser fruto da relação com os professores, funcionários da escola, os pares e, em especial, os funcionários da instituição onde vivem (Mota e Matos, 2010). A construção destas ligações afectivas contribuem para a organização e complexificação emocional e afetiva, evitando a permanência em estados de vulnerabilidade e contribuem, de igual forma, para a configuração de um estado de maior consistência interna e segurança nas relações, o que é protetor face ao risco (Mota e Matos, 2008, p. 373).

Canha (2000) acompanhou durante cinco anos, o desenvolvimento de crianças maltratadas após alta hospitalar, diferenciando 2 grupos: crianças com e sem pessoa de referência, sendo que definiu pessoa referência como uma “...pessoa idónea, com capacidade de lhe proporcionar afeto e de desempenhar as funções de educação e vigilância (...), pod[endo] a ser um dos elementos da família nuclear ou da família alargada (...) ou a funcionária de instituição com quem a criança passava a estabelecer uma relação mais privilegiada.” (pp. 49-50). Conclui no seu estudo que o grupo de crianças com uma pessoa referência apresentou melhores resultados no rendimento escolar, capacidade de memória, relacionamento social, capacidade intelectual e melhores expectativas para o futuro. Muitos outros autores (Alves, 2007; Giddens 1993/97; Gomes, 2010; Morais e Ó, 2011; Mota e Matos, 2008, 2010; Pinhel *et al.*, 2009; Tinoco e Franco, 2011) referem conceitos similares para definir o adulto com o qual a criança estabelece um novo comportamento de vinculação,

sendo todos unânimes quanto à importância destas relações para o desenvolvimento da criança, ao poder dar respostas pessoais, afetivas, psicológicas e sociais de qualidade, que potenciam um desenvolvimento mais adaptativo e promotor da capacidade de estabelecer laços na vida futura. Nesta linha, Yunes e colaboradores (2004) defendem que cuidar e educar não depende de variáveis como o nível social ou de escolaridade do cuidador formal, mas sim da capacidade para ser empático, expressar sentimentos de compreensão e solidariedade, assim como impor regras e limites de reestruturação emocional dos jovens. É, ainda, essencial que os profissionais que trabalham em instituições de acolhimento sejam capazes de conter a revolta e raiva exteriorizadas, restituindo-lhes um meio estável e seguro, que possibilite a criação de ligações afetivas seguras (Mota e Matos, 2008).

As instituições de acolhimento devem ter uma equipa técnica pluridisciplinar, com as valências de psicologia, serviço social e educação, que deve assegurar os cuidados adequados às necessidades das crianças e jovens acolhidas e proporcionarem-lhes as condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral (Artigos 54 e 49 da LPCJP). Sobre este aspeto, Matos e Mota (2008, 2010) indicam que a criação de ligações de proximidade e afeto entre os jovens e os funcionários dos LIJ, são muitas vezes dificultadas pela falta de tempo e de disponibilidade pessoal destes cuidadores, o que por vezes inviabiliza ou afeta negativamente a qualidade destas relações.

Estas dificuldades estão associadas a um esquema de trabalho associado a um elevado absentismo, falta de recursos humanos, que conduz à subcarga de tarefas por funcionário, rotatividade dos funcionários e desproporcionalidade entre número de jovens para um só funcionário. Biscaia (2005) acredita que as instituições que atuam como *unidade de cuidados intensivos da relação* favorecem a implementação de uma futura vinculação e desenvolvimento relacionais, contudo considera que nenhuma unidade de cuidados intensivos deverá ser um local de longa permanência pois, por mais idónea que seja, a instituição nunca poderá substituir as funções de relação que a família desempenha.

A relação entre a teoria da vinculação e a institucionalização de crianças e jovens tem motivado alguns investigadores (e.g. Mota e Matos, 2008, 2010; Pinhel *et al.*, 2009; Tinoco e Franco, 2011), contudo as suas preocupações incidem em grande parte sobre a avaliação das representações dos modelos internos de vinculação das crianças institucionalizadas e os seus efeitos no comportamento. Dada a inexistência de investigações que identifiquem se os cuidadores formais do LIJ fazem parte da hierarquia de figuras e vinculação, este estudo ambiciona obter uma resposta nesse sentido. Investigadores como Rabouam e Moralés-Huet (2004) mencionam que existem poucos trabalhos sobre as relações de vinculação que são

construídas após a formação de uma primeira relação de vinculação difícil e problemática, como poderão ser as relações anteriormente estabelecidas pelos jovens institucionalizados. E, ainda, dado que a investigação no domínio afetivo e emocional das crianças e jovens institucionalizadas em Portugal tem sido de certa forma desconsiderado (Mota e Matos, 2008, 2010), este projeto pretende dar a “palavra” e fazer ouvir os principais atores do acolhimento: as crianças e jovens.

O presente estudo tem como **objetivo geral** perceber se as crianças e jovens acolhidos em Lares de Infância e Juventude (LIJ) estabelecem relações de vinculação com os cuidadores formais, assim como compreender como essa relação foi construída. De forma interdependente, o estudo é composto por seis objetivos específicos:

- 1) Identificar a hierarquia das figuras de vinculação;
- 2) Compreender porque é que o jovem escolheu determinado cuidador formal como figura afetivamente significativa ou como figura de vinculação;
- 3) Perceber em que circunstâncias e porque é que o jovem recorre ao cuidador formal nomeado como figura de vinculação ou significativa;
- 4) Identificar quais as características do cuidador formal referido como figura significativa, que determinaram a escolha do jovem;
- 5) Assinalar as dificuldades identificadas pelo jovem na construção desta relação;
- 6) Perceber de que forma é que os jovens percecionam a sua “chegada” a adaptação no LIJ.

## **Metodologia**

### **Procedimentos**

Face aos objetivos definidos, optámos por uma pesquisa de carácter qualitativo, uma vez que esta é geralmente usada quando a ênfase do estudo é colocada mais no significado do que na medição de um fenómeno particular, ou quando é importante estudar a ação social no seu contexto próprio (Amaro, 2006). Realizámos um estudo de caso porque pretendemos conhecer mais aprofundadamente as relações entre os diversos atores de um LIJ, bem como tirar algumas conclusões que permitissem compreender melhor o processo de formação de vínculos afetivos dos jovens com os seus cuidadores formais em contexto de acolhimento institucional, aumentando assim o conhecimento teórico sobre a temática.

Tendo em conta a complexidade do universo de estudo, crianças e jovens institucionalizadas no âmbito da aplicação da medida de promoção e proteção de acolhimento institucional, e devido aos objetivos deste estudo, recorreremos à amostragem por homogeneização e por conveniência (Guerra, 2008). Assim, usámos como critérios de

seleção a idade, igual ou superior a 13 anos, e o tempo de permanência no LIJ, igual ou superior a 2 anos contínuos. Os estudos desta natureza (*e.g.* Alves, 2007; Matos, 2002; Mota e Matos, 2010; Rocha, Medeiros, Diogo e Diogo, 2009) normalmente selecionam para a sua amostra jovens com idades compreendidas entre os 15-25 anos.

A delimitação de idade igual ou superior a 13 anos suportou-se em três parâmetros: 1) No artigo 10.º da LPCJP, que estipula que a intervenção de entidades com competência em matéria de infância e juventude depende da não oposição da criança ou do jovem com idade igual ou superior a 12 anos; 2) Na teoria dos estágios do desenvolvimento humano de Piaget, que delimita o período das operações formais a partir dos 12 anos, fase em que a criança, amplia as capacidades conquistadas na fase das operações concretas (7 -11/12 anos), conseguindo raciocinar sobre hipóteses porque é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e através deles executar operações mentais dentro de princípios da lógica formal (Magalhães, 2003, Piaget, 1967 e Rappaport, 1981); 3) Nas transformações que ocorrem na adolescência à luz da teoria da vinculação. Deste modo, com a entrada no período das operações formais, o adolescente passa a conseguir elaborar a partir de afirmações divergentes afirmações mais integradas, conseguindo assim relacionar experiências de vinculação. O segundo critério - tempo de permanência no LIJ igual ou superior a 2 anos contínuos – prende-se com o facto de que, segundo a teoria da vinculação, é suscetível que qualquer pessoa se torne numa figura de vinculação desde que esta se envolva numa interação social viva e durável (Guedeney, 2004), sendo que Bowlby (2004), quando a sua duração é de muitos anos e quando os períodos de separação são curtos.

Endereçámos um pedido de autorização para realização do presente estudo no LIJ “Comunidade Juvenil São Francisco de Assis”, devido à sua localização e por acolher jovens dos dois sexos, que aceitou fazer parte deste projeto de investigação. Depois de reunirmos com a Equipa Técnica, fomos informados da existência de 16 jovens que reuniam os critérios de seleção. Sempre que os jovens eram menores de 18 anos, solicitou-se uma autorização para participação no estudo aos responsáveis legais. Tendo em conta os procedimentos para a obtenção do consentimento informado (Anexo 1), 16 jovens aceitaram participar nesta investigação, mas só 11 se disponibilizaram para responder aos três instrumentos usados, sendo que os restantes 5 jovens apenas aceitaram responder aos dois primeiros instrumentos, não se mostrando disponíveis para a realização da entrevista. Os dados foram recolhidos durante os meses de junho e setembro de 2013.

## Instrumentos

A presente investigação foi operacionalizada recorrendo a dois métodos (questionários e entrevista) de recolha de informação que, conjuntamente, responderam aos objetivos deste estudo. O estudo implicou a recolha de dados em três momentos diferentes: preenchimento do questionário *Hierarquização das Figuras Significativas por Campos de Vida* (HFSCV), do questionário *Important People Interview* (IPI, Kobak e Rosenthal, 2010) IPI (aplicados no mesmo dia, pela ordem apresentada) e realização, de uma entrevista que decorreu depois de analisados os questionários.

O IPI (Anexo 2) estabelece a hierarquia do sistema de vinculação da criança, pedindo à criança que identifique quais são as 4 pessoas mais importantes para si, e a qual das 4 recorreria em situações relevantes do ponto de vista da vinculação. Este questionário permite avaliar 4 componentes de vinculação: procura de proximidade, conforto, base segura e protesto de separação (Simões, 2011). Com a aplicação do questionário IPI, depois de adaptado para a nossa amostra e traduzido para a Língua Portuguesa (Anexo 3), foi possível verificar se os jovens institucionalizados estabeleceram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ e identificar a hierarquia das figuras de vinculação.

Para incluir no estudo os jovens que não indicassem nenhum cuidador formal do LIJ na hierarquia das figuras de vinculação, criámos um questionário, designado *Hierarquização das Figuras Significativas por Campos de Vida* - HFSCV (Apêndice A), que segue uma lógica semelhante ao IPI. O HFSCV é constituído por três hierarquias (A, B, C) a preencher pelos jovens. Para ajudar o jovem a pensar sobre as figuras de referência, apresentaram-se conceitos relacionados com a teoria da vinculação: apoio, confiança, partilha, disponibilidade, afeto, proteção, proximidade, segurança e carinho. Tendo em conta estes conceitos, solicitou-se a cada jovem que pensasse em primeiro lugar nos familiares que considerava mais importantes na sua vida e os indicasse por ordem decrescente na hierarquia A, até ao máximo de três pessoas. A par deste discurso associado à ideia de “Quem é mais importante?”, em simultâneo pediu-se aos jovens para que, de acordo com os mesmos conceitos, se imaginassem numa situação difícil na qual precisassem de ajuda, questionando-os da seguinte forma: “Quem é que ias chamar para te ajudar?”. Utilizou-se o mesmo discurso nas três hierarquias, tendo em conta o campo de vida associado a cada uma delas – A: Família; B: cuidadores formais do LIJ; C: todas as pessoas importantes na sua vida, desde familiares, não familiares, amigos e cuidadores formais do LIJ. Assim na dimensão C foi pedido ao jovem que indicasse por ordem de preferência até ao máximo de 8 pessoas. Não foi definido um número mínimo de elementos a indicar pelos jovens para cada uma das



hierarquias. Desta forma, nos casos em que os jovens não listaram nenhum cuidador formal do LIJ no IPI, a primeira posição da hierarquia B indicou o cuidador formal do LIJ que se tornou num elemento significativo. De acordo com a literatura sobre a teoria da vinculação, designamos este cuidador como figura significativa para o jovem.

Foi utilizada a *Entrevista*, em articulação com os dois questionários referidos. Em Ciências Sociais as entrevistas são o método mais adequado quando se pretende analisar o “... sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêm confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc.” (Quivy e Campenhoudt, 2005, p. 193). Optou-se pela entrevista semiestruturada, que permitiu uma compreensão profunda do tema em estudo, uma vez que é centrada no entrevistado (jovem). Com a aplicação da entrevista semiestruturada (Apêndice B) reunimos um conjunto de informações para alcançar os objetivos específicos. A entrevista pretendeu recolher informações sobre a relação que o jovem desenvolveu com determinado cuidador formal do LIJ, que o IPI indicou como figura de vinculação ou, na ausência desta informação, com o cuidador formal do LIJ que ocupa a 1ª posição na hierarquia B da HFSCV. No caso dos jovens que indicaram mais do que um cuidador formal do LIJ na hierarquia do IPI, as questões da entrevista foram efetuadas em relação ao cuidador formal do LIJ identificado na 1ª posição. Ou seja, na presença de mais do que um cuidador formal do LIJ como figura de vinculação, seleccionou-se o cuidador formal mais importante para o jovem entre as figuras de vinculação que são funcionários do LIJ, respeitando assim a sua ordem de preferência dos jovens e analisando a relação de vinculação que o jovem considera mais importante com um cuidador formal do LIJ.

Também foi elaborado um Questionário Sociodemográfico (Apêndice C), dirigido aos jovens e a todos os cuidadores formais identificados como figuras de vinculação destes.

### **Amostra**

Nesta investigação foram estudados 16 jovens com a aplicação da medida de promoção e proteção executada em regime de colocação, acolhidos no LIJ “Comunidade Juvenil de São Francisco de Assis”, localizado em Eiras, Coimbra. Os jovens tinham idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos, com uma média de idades de 16 anos (DP=1,8). Relativamente ao sexo, 11 jovens eram sexo masculino (68,8%) e 5 do sexo feminino (31,3%) (Tabelas 1 e 2, Apêndice D). No que respeita à caracterização da subamostra dos 11

jovens que participaram nas 2 partes do estudo, estes têm uma média de idades de 15 anos (DP=1,68), sendo 8 rapazes, e 3 raparigas (Tabelas 3 e 4, Apêndice D).

Para a maioria dos jovens (n=13, 81,3%), este é o primeiro acolhimento institucional, tendo um tempo médio de acolhimento de aproximadamente 7 anos, num mínimo de 3 anos de permanência e um máximo de 14 anos (M=6,9 anos; DP=4,2) (Tabelas 5, 6 e 7, Apêndice D). Em 12 casos (75%), a aplicação da medida de colocação no LIJ foi feita pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), sendo nos restantes 4 casos (25%) aplicada pelo Tribunal (Tabela 8, Apêndice D).

Todos os jovens têm definidos Projetos de Vida, que variam entre a autonomização e o regresso à família de origem. A maioria dos jovens (n=12, 75%) tem estipulado um projeto no sentido da promoção da autonomização, enquanto que para 25% (n= 4) dos jovens está a ser programada o regresso à família biológica (Tabela 9, Apêndice D).

Todos os jovens da amostra frequentam a escola e, em termos de reprovações em 2012, apenas dois jovens ficaram retidos no mesmo ano (Tabela 10, Apêndice D). Quanto aos contactos com a família de origem, 13 dos 16 jovens, (81,3%) indicaram que mantêm uma relação próxima com a família, que se expressa através de visitas a casa (Tabela 11, Apêndice D). Contudo, apenas 43,8% (n=7) indicaram que recebem visitas da família na Comunidade (Tabela 12, Apêndice D). A maioria dos jovens (n=13, 81,3%) tem irmãos acolhidos no LIJ, um irmão em 7 deles e dois irmãos acolhidos em 6 deles (Tabela 13, Apêndice D). Verificam-se 4 casos de orfandade, 3 deles por parte da figura paterna e 1 deles da figura materna (Tabela 14, Apêndice D).

Por último, apresentamos algumas considerações relativamente ao LIJ onde foi realizado o estudo. Este tem capacidade para acolher 45 crianças e jovens, do género masculino e feminino. Aquando da recolha de dados, encontravam-se acolhidas 27 crianças e jovens. A organização interna é por unidades residenciais (UR)<sup>4</sup>, num total de 6 UR, com uma média de 5 jovens por cada UR. Dispõe de uma equipa técnica composta por uma assistente social, dois psicólogos e um gestor de caso. O LIJ tem, ainda, uma equipa de apoio a esta, que conta com três auxiliares e, ainda, uma equipa educativa composta por dois professores, um animador, uma ajudante de ocupação.

---

<sup>4</sup> De acordo com n.º 2 e 3 do artigo 5.º do Decreto Lei n.º 2/86, de 2 de janeiro.

## **Análise de dados**

### **Análise estatística**

A análise de dados foi feita com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) na versão 17.0. Na caracterização da amostra foi efectuada a estatística descritiva, com cálculo das médias e desvio-padrão. Usou-se o mesmo programa para analisar os dados do IPI. Contudo, não consideramos que este estudo tenham uma abordagem meramente quantitativa, visto que segue uma abordagem mais qualitativa, concentrando-se em “demonstrar a relação que existe entre os conceitos, as descrições, as explicações e as significações dadas pelos participantes e investigador relativamente ao fenómeno...” (Fortin, 200, p. 322).

### **Análise de conteúdo**

O método das entrevistas surge associado ao método de análise de conteúdo, uma vez que “... pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito.” (Guerra, 2006, p. 69). Berelson (1952) definiu análise de conteúdo “como uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação” (Carmo e Ferreira, 1998, p. 251). Nesta investigação seguimos o percurso das seis etapas da análise de conteúdo propostas por Carmo e Ferreira (1998). Como tal, começámos pela definição dos objetivos e do quadro teórico desta investigação (1ª etapa). Constituímos o *corpus* (2ª etapa) - conjunto de documentos que vão ser sujeitos à análise – ou seja, as entrevistas. Devido à complexidade das dimensões que se pretenderam investigar e ao tamanho da amostra, optou-se pela gravação áudio seguida da transcrição<sup>5</sup>. A definição das categorias – “rubricas significativas, em função das quais o conteúdo [é] classificado e quantificado”- foi feita *à posteriori* (3ª etapa), realizada após leituras sucessivas do texto e tendo em conta os objetivos da investigação (Carmo e Ferreira, 1998, p. 255). Por isso este tipo de análise é designado como procedimento exploratório. A construção das categorias obedeceu às características de exaustividade (todo o conteúdo classificado foi incluído nas categorias, exceto factos ou opiniões sobre aspetos fora dos objetivos de investigação), objetividade (as categorias foram explicitadas claramente), pertinência (as categorias são diretamente relacionadas com os objetivos e com o conteúdo) e exclusividade (os mesmos elementos pertencem apenas a uma

---

<sup>5</sup> Para a transcrição seguimos o ‘glossário de convenções de transcrição’ proposto por Drew (1995) e apresentado em Flick (2005, p. 176). Para preservar o anonimato dos jovens, nas entrevistas foi-lhes atribuído um código alfanumérico, ex.: E1 (E: entrevistado; 1: número atribuído ao jovem).

categoria). Contudo, tivemos algumas dificuldades em garantir esta última característica e, quando esta não se verificou, identificámos as repetições e justificamos essa opção. Após a definição das categorias e em alguns casos de sub-categorias (seguindo os mesmos critérios da construção das categorias), optámos por unidades formais em forma de excertos das entrevistas (4ª etapa). Seguidamente, registámos o número vezes em que cada categoria/sub-categoria foi identificada nas respostas dos jovens (5ª etapa). De acordo com Carmo e Ferreira (1998, p. 259), a fidelidade dos resultados está relacionada, por um lado, com a garantia de investigadores diferentes obterem resultados idênticos e, por outro, com a garantia de, no mesmo trabalho, os critérios de codificação serem aplicados pelos investigadores, sempre da mesma forma. Deste modo, a análise de conteúdo só será válida quando a descrição do conteúdo reproduza a realidade dos factos e tenha significado para o problema em causa. E por último procedemos à interpretação de resultados (6ª etapa), feita à luz dos objetivos e do suporte teórico.

## Resultados

A apresentação dos resultados encontra-se dividida em duas partes: num primeiro momento são apresentados os resultados referentes à análise quantitativa dos dois questionários preenchidos pelos 16 jovens que constituem a amostra total deste estudo (Estudo 1). Num segundo momento apresentamos a análise qualitativa dos resultados referentes à entrevista aplicada na subamostra de 11 jovens (Estudo 2).

### Estudo 1 - Hierarquização das figuras de vinculação dos jovens (IPI e HFSCV)

A aplicação do IPI indicou que, dos 16 jovens que compõem a nossa amostra total, 12 deles identificaram cuidadores formais do LIJ na hierarquização das figuras de vinculação do IPI. Os restantes 4 jovens não indicaram nenhum cuidador formal do LIJ na hierarquização. Contudo, a aplicação do HFSCV identificou o cuidador formal que se transformou numa figura significativa para estes jovens entre os demais cuidadores/funcionários.

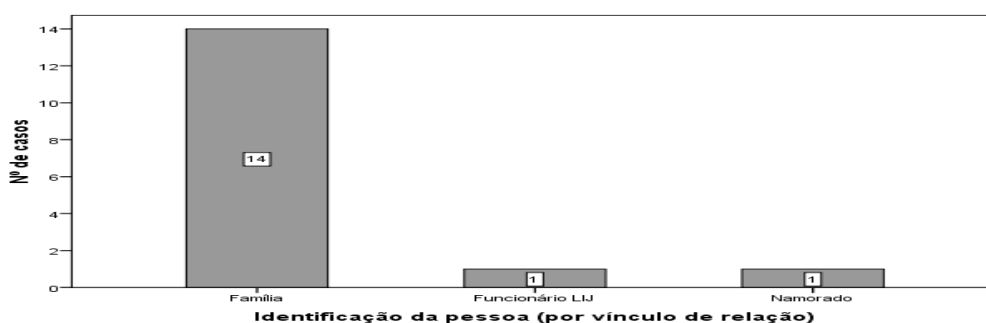


Figura 1. Pessoa lista na 1ª posição do IPI por vínculo de relação

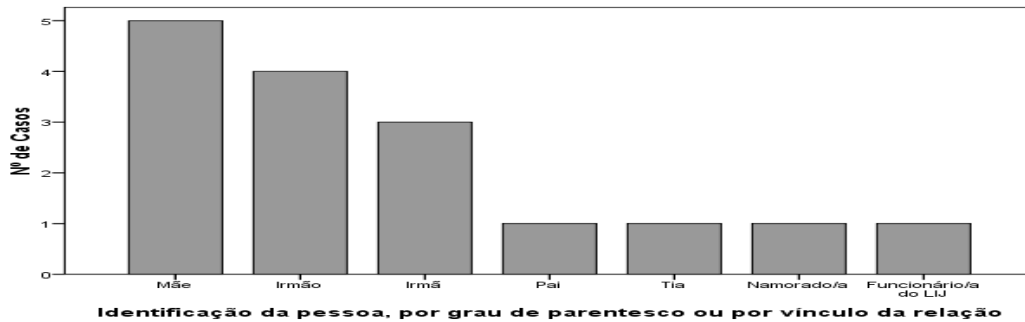


Figura 2. Identificação do grau de parentesco ou do vínculo de relação da pessoa nomeada na 1ª posição do IPI

A primeira posição da hierarquia das figuras de vinculação é ocupada maioritariamente (n=14) por figuras familiares, destacando-se as mães (n=5) e os irmãos (n=7) (Figura 1 e 2). Esta tendência não se verifica em dois casos, sendo que um deles indicou como primeira figura de vinculação o namorado e o outro um funcionário do LIJ.

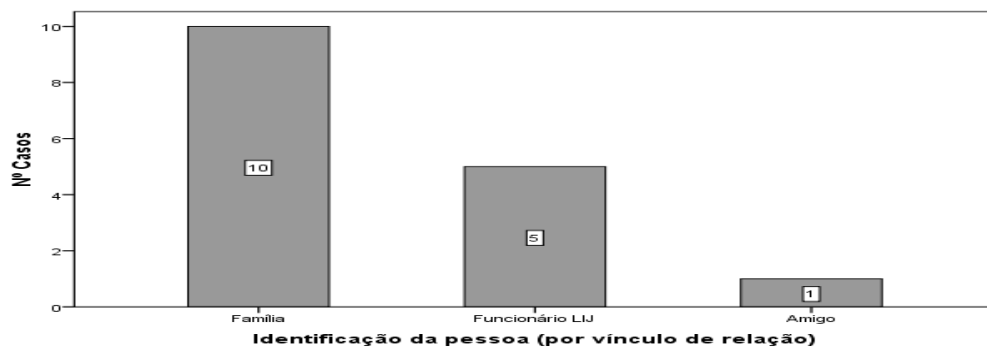


Figura 3. Identificação da pessoa nomeada na 2ª posição do IPI por vínculo de relação

Por sua vez, a Figura 3 revela-nos que a maioria dos jovens da amostra total (n=10, 62,5%) indicaram que a segunda posição da hierarquia das figuras de vinculação é ocupada por um elemento da sua família. Nesta posição, os cuidadores formais do LIJ foram escolhidos por 5 jovens (31,3%). Acrescenta-se que apenas um jovem indicou um amigo como sendo a sua segunda figura de vinculação.

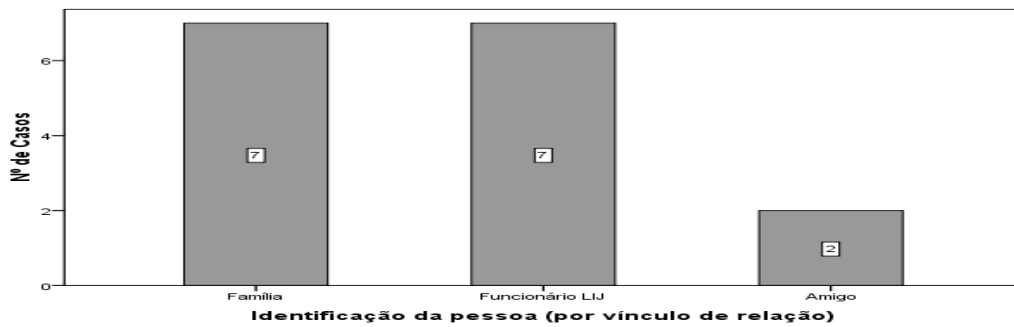


Figura 4. Identificação da pessoa nomeada na 3ª posição do IPI por vínculo de relação

A Figura 4 evidencia a tendência anterior quanto à importância dos cuidadores formais do LIJ na vida destes jovens, uma vez que, como *terceira figura de vinculação*, os jovens da nossa amostra total indicaram na mesma proporção pessoas pertencentes à família de origem e funcionários do LIJ ( $n=7$ , 43,8%). Verifica-se um ligeiro acréscimo na indicação de amigos, ou seja, relações com pares ( $n=2$ ).

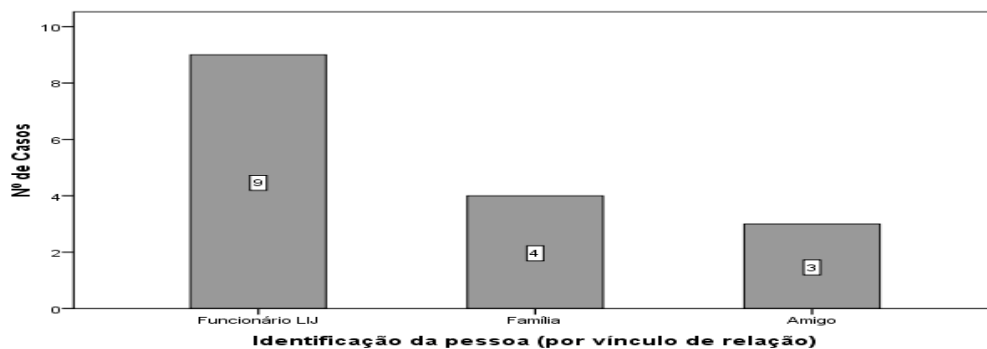


Figura 5. Identificação da pessoa nomeada na 4ª posição do IPI por vínculo de relação

Os dados da Figura 5. demonstram o claro predomínio dos cuidadores formais como *quarta figura de vinculação* na hierarquia, uma vez que 9 dos 16 jovens da amostra total referiram nesta posição um funcionário do LIJ, sendo que os elementos familiares foram nomeados para esta posição apenas por 4 jovens (25%). Também é perceptível uma maior relevância das relações de amizade com os pares, sendo que 3 jovens (18,8%) indicaram ter como quarta figura de vinculação um amigo.

A partir da observação da tabela de frequências das posições do IPI por vínculo de relação (Tabela 15, Apêndice E), constatamos que os cuidadores formais do LIJ aparecem como primeira figura de vinculação apenas num caso (6,3%). Porém, quando analisamos as posições subsequentes, a percentagem aumenta. Assim 31,3% ( $n=5$ ) dos jovens nomearam os cuidadores formais, na 2ª posição, 43,8% ( $n=7$ ) na 3ª posição e 56,3% ( $n=9$ ) na 4ª posição da hierarquia de vinculação.

Em suma, os jovens escolheram para a 1ª e 2ª posição da hierarquia do IPI maioritariamente elementos da sua família de origem, respetivamente 87,5% e 62,5%. Por outro lado as relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ têm maior relevância a partir da 2ª posição desta hierarquia, com especial destaque na 4ª posição, representando 56,3% das escolhas dos jovens. Acrescenta-se que os funcionários do LIJ obtiveram a segunda maior percentagem a seguir à família, em todas as posições do IPI.

Concluimos assim que, dos 16 jovens da amostra total, apenas 4 deles não referem ter figuras de vinculação entre os funcionários da instituição de acolhimento, sendo a hierarquia do IPI constituída apenas por figuras de vinculação que pertencem à família ou a relações com os pares (parceiros amorosos ou grandes amigos). Em contrapartida, 12 jovens da amostra estabeleceram relações de vinculação com funcionários do LIJ. Como tal, a Tabela 16 indica-nos alguns dados sociodemográficos relativos a estes cuidadores identificados como figuras de vinculação dos jovens da nossa amostra total.

Tabela 16

*Caraterização cuidadores formais do LIJ indicados pelo IPI como Figuras de Vinculação*

<b>Código<sup>a</sup></b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Função</b>	<b>Habilitações escolares</b>	<b>Anos de trabalho LIJ</b>	<b>Posições hierarquias IPI</b>	<b>Frequência (f)</b>
FV1	M	27	Psicólogo Estagiário	Mestrado	2	2º, 3º e 4º	<b>5</b>
FV2	M	43	Auxiliar Ação Educativa	3º CEB <sup>b</sup>	17	3º e 4º	<b>5</b>
FV3	M	41	Técnico Social	Licenciatura	11	2º e 4º	<b>3</b>
FV4	F	34	Auxiliar Ação Educativa	3º CEB <sup>b</sup>	9	2º e 3º	<b>3</b>
FV5	F	55	Auxiliar Ação Educativa	1º CEB	14	1º e 2º	<b>2</b>
FV6	F	41	Diretora Técnica	Licenciatura	16	2º	<b>1</b>
FV7	F	41	Psicóloga	Mestrado	17	3º	<b>1</b>
FV8	F	28	Auxiliar Ação Educativa	3º CEB	9	3º	<b>1</b>
FV9	M	48	Animador Sociocultural	Licenciatura	13	3º	<b>1</b>

Nota: <sup>a</sup> FV: Figura de Vinculação

<sup>b</sup>CEB: Ciclo do Ensino Básico

Este conjunto de figuras de vinculação do LIJ é constituído por 5 mulheres e 4 homens, com idades compreendidas entre os 27 e os 55 anos e, à excepção da FV1, todos trabalham há 9 ou mais anos no LIJ. Os cuidadores formais do LIJ com o código FV1 e FV2 são, respetivamente, figuras de vinculação que ocupam as 2<sup>as</sup>, 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> posições do IPI de 5 jovens, sendo por isso os funcionários mais citados como figuras de vinculação. A estes seguem-se as FV3 e FV4, indicadas cada uma delas por 3 jovens. Com tal, as primeiras 4 figuras de vinculação indicadas na Tabela 6, fazem parte da hierarquia do IPI de 16 jovens.

Sobre este aspeto acrescentamos, ainda, que a média de cuidadores formais identificados pelos jovens no IPI como figuras de vinculação foi de 1,38 (Min.= 0; Max.= 4) (Tabela 17, Apêndice F).

A análise do questionário HFSCV é relevante para compreender a situação dos dois jovens (E1 e E6) que, na hierarquia do IPI, não indicaram nenhum cuidador formal do LIJ, o que sugere a ausência de relações de vinculação com estes cuidadores. Por isso, e através da HFSCV, identificou-se o cuidador com o qual o jovem desenvolveu uma relação significativa, ou seja, o cuidador formal indicado na 1ª posição da Hierarquia B – funcionários do LIJ. Foi sobre a construção desta relação que se centrou a aplicação da entrevista. Apesar de serem apenas dois casos, na análise das entrevistas procuramos identificar semelhanças e diferenças entre estas relações significativas e as relações de vinculação.

## **Estudo 2 – Compreensão da construção da relação de vinculação dos jovens no LIJ**

Consideramos que entender de que forma o jovem atualmente percebe o seu ingresso e adaptação na Comunidade é fundamental para perceber se a equipa da estrutura residencial conseguiu minimizar os riscos do acolhimento, como a perda de vínculo afetivo, perda de identidade, desenraizamento, receio da mudança, tendência a rejeitar a integração, autoculpabilização ou sensação de estar a sofrer uma punição (ISS, 2005, p. 109). Mota e Matos (2008, p. 372) consideram “...que conceber o modo como esses jovens encaram a “nova casa” é fundamental no seu percurso desenvolvimental psíquico e emocional.”. Seguimos esta linha de pensamento e perguntámos aos jovens acerca da sua perceção sobre a “chegada” e adaptação no LIJ. A análise do Quadro 1<sup>6</sup> indica-nos que a perceção da maioria dos jovens da subamostra é positiva (n=7), três deles consideram que foi difícil e um deles pensa que foi confuso. No caso particular dos jovens que não têm relações de vinculação com os cuidadores formais (E1; E6), o mesmo quadro indica que estes têm uma perceção positiva da sua chegada e adaptação no LIJ.

De acordo com Bowlby (1973/1998) as crianças desenvolvem um comportamento de apego com a figura com quem mantém proximidade, procurando confiança e proteção. Este comportamento só é possível se existirem experiências de cuidado afetivo e contínuo. Questionamos os jovens sobre o motivo que determinou a escolha do cuidador formal, cujo IPI indicou como sendo figura de vinculação. A análise de conteúdo das respostas (à questão

---

<sup>6</sup> Todos os Quadros referidos nesta parte do trabalho são apresentados no Apêndice G.



4 da entrevista) demonstrou que os jovens desenvolveram as suas respostas em duas vertentes: as *características* (Quadro 2) e as *ações dos cuidadores formais* (Quadro 3) como fatores determinantes da sua escolha.

A *característica* mais citada pelos jovens é a compreensibilidade associada ao não julgamento em situações difíceis de ultrapassar pelo jovem e à capacidade desta figura de vinculação aceitar e compreender os seus comportamentos e atitudes dos jovens (por exemplo E5: “... *ela não ia julgar-me...*”; E7: “...*compreende-me...*”; E9: “...*entender as pessoas...*”; E10: “...*percebe-me melhor...*”). Os jovens revelaram, ainda, que estas figuras de vinculação primam pela confiança e pelo facto de serem atenciosas. Com apenas uma frequência são também indicadas as seguintes características: respeitador/a; moderno/a; responsável; idade jovem, sendo que as características “*respeitador e idade jovem*” foram indicada pelo mesmo jovem (E4), conjuntamente com o facto da figura de vinculação ser também *confiável*. Da mesma forma, a característica *engraçado* foi igualmente referida em simultâneo com *confiável* (E8). Portanto, a compreensibilidade, a confiabilidade e a atenciosidade representam o conjunto das características dos cuidadores formais que fazem parte da hierarquia das figuras de vinculação destes jovens. De acordo com o *Dicionário de Língua Portuguesa* “dar confiança” é “permitir certa familiaridade”, e ao longo do discurso dos jovens entrevistados (Quadro 2) é frequente o uso de expressões como “*eu confio nela/e*”, “*tem a minha confiança*”, “*quando tenho algo problema vou ter com ela/e*”.

Dado que a adolescência é um período de profundas transformações, perguntámos (questão 7.2) aos jovens se, quando fazem alguma “*asneira*”, confiam no cuidador formal que foi identificado como figura de vinculação/figura significativa, ao ponto de lhe expor essa situação. Desta forma, explorámos o comportamento dos jovens perante uma situação indicadora de perigo ou de stresse, ou seja, face a fatores que ativam o sistema da vinculação. Apelamos, por isso, à memória dos jovens, sugerindo-lhes que se tentassem lembrar de ações que realizaram mas que moralmente não são corretas. As respostas dos jovens (Quadro 4) indicaram três comportamentos distintos. A maioria dos jovens, incluindo os jovens que não tem relações de vinculação com estes cuidadores (n=8), afirmaram que têm confiança total para expor essa situação. Contudo, dois jovens indicaram que a confiança depende da “*asneira*” que efetuaram. Explicando que, “E2: *Então, contava uma asneira por exemplo de bater num colega, mas por exemplo não contava uma asneira por exemplo... (0.3, a pensar) ... de por exemplo, roubar alguma coisa.*” e que E4: “*Quando é uma coisa grave, chocante falo com as minhas irmãs. Mas quando é uma coisa menos grave aí falo com o Dr. xxx.*”. Por último, um jovem indicou que perante uma situação em que cometeu um disparate, não tem

confiança para contar ao cuidador formal do LIJ que identificado como a sua figura de vinculação. Mais uma vez é evidente que, para a maioria dos jovens, estas figuras de vinculação funcionam como base segura perante uma situação que ative o sistema de vinculação.

Quanto às *ações dos cuidadores* formais/figuras de vinculação que contribuíram para a preferência do jovem, a leitura do Quadro 3 revela que estas relações são pautadas pela proximidade, apoio e confiança. Uma vez que as ações *Conversa comigo* e *Ajuda-me* foram as mais referidas (n=4 e n=3, respetivamente). As ações presentes no mesmo quadro indicam, tal como a teoria da vinculação frisa, que a figura de vinculação é uma pessoa que cuida física e emocionalmente da criança, que está presente de forma significativa e regular na sua vida [da criança/jovem] e que a investe emocionalmente (Rabouam e Moralés-Huet, 2004).

Para além das características e das ações específicas destas figuras de vinculação, a maioria dos jovens incluiu nas suas respostas as seguintes explicações:

E2: “*Gosto da forma dele ser.*”;

E3: “*Porque gostei.*”;

E5: “*... ela tratava-me não só como utente mas também como uma filha...*”[e] “*E ela é uma pessoa que eu gosto muito e sei que ela também gosta de mim.*”;

E9: “*Porque daqui é um dos funcionários mais fixe para mim.*”;

E10: “*Porque gosto dela e acho que ela é uma boa pessoa.*”.

No caso da análise das respostas dos jovens cujos cuidadores formais apenas foram indicados como figuras significativas, identificamos e seguimos os mesmos parâmetros (características e ações). E concluímos que as justificações destes jovens são bastante semelhantes com as fundamentações dos jovens que desenvolveram relações de vinculação. A principal razão das suas escolhas foram as ações de ajuda, tal como indicam os seus discursos: E1: “*... tem sido a pessoa que mais me tem ajudado.*”; E6: “*...porque fazia tudo para me ajudar...*”.

Dado que a teoria da vinculação atribui bastante importância à interação social entre jovem e figura de vinculação, procuramos saber sobre as atividades conjuntas entre o jovem e a figura vinculação/ significativa. A análise desta dimensão (Quadro 5), mostrou uma forte participação da figura de vinculação/significativa do LIJ no quotidiano do jovem. A maioria dos jovens indicou que quando estão com estas figuras, usam esse tempo para conversar ou praticar atividades lúdicas, revelando que estas relações são pautadas pela proximidade e atenção preferencial.

É um dos objetivos específicos desta investigação identificar as dificuldades sentidas pelos jovens na construção da relação com a figura de vinculação/significativa. Segundo a

revisão teórica de Mota e Matos (2010), apesar da possibilidade dos jovens construírem relações capazes de alcançarem a satisfação em diversas dimensões da vinculativas com os funcionários da instituição, existem obstáculos organizacionais e administrativos que dificultam esta relação. Neste sentido, questionamos os 11 jovens (Quadro 6) da nossa subamostra e apenas um deles (E1) indicou que foi difícil construir esta relação, no caso particular com o cuidador formal significativo. Todos os outros jovens afirmaram ter sido fácil criar a relação de vinculação ou relação significativa com os funcionários do LIJ. Podemos, assim, concluir que os 9 jovens que estabeleceram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ consideram que este processo foi fácil.

O Quadro 7 contém os resultados da dimensão *Jovem dirige-se de forma preferencial à figura de vinculação em busca de...*, que nos levam a concluir que a maioria dos jovens que apontaram os cuidadores formais como elementos que constituem a sua hierarquia de figuras de vinculação, procuram esta figura quando necessitam de *apoio e proteção* (n=7). De realçar que, nesta dimensão (Quadro 7), apenas não se considerou um dos jovens, uma vez que este indicou que não procura o cuidador formal que é sua figura de vinculação, (e.g. E9: “*Não o procuro, é mais com o meu irmão.*”). Ao analisarmos em pormenor este elemento, constatamos que o jovem em questão apenas recorre à sua figura de vinculação primária: o irmão que também está no LIJ.

Ainda nesta dimensão e na categoria *Apoio e proteção* (Quadro 7), considerámos relevante destacar algumas expressões dos jovens, quando questionados sobre as circunstâncias em que procuram o cuidador formal que é figura de vinculação:

E2: “*Quando estou aflito.*”;

E3: “*...quando passo por situações difíceis ...*”;

E8: “*Quando há coisas que eu não sei (...) “Coisas sobre a vida, sobre a Comunidade, conselhos...”*”;

E 10: “*...ela ajuda-me e diz-me o que eu devo ou posso fazer.*”.

Os resultados do estudo 2 indicam que, perante uma situação geradora de dúvida, *stress* e perigo, os jovens recorrem à figura de vinculação presente na instituição de acolhimento, que são os seus cuidadores formais. No caso dos jovens cujos cuidadores formais do LIJ foram identificados apenas como figuras de significativas e não como figuras de vinculação, os dados indicam que recorrem a estes em situações que necessitam de apoio e proteção. Vejamos: E1: “*Quando estou em baixo.*” [,] *Chateado, triste...*”; e E6: “*Quando estou triste, ...*”. Desta forma, parece-nos evidente a importância dos cuidadores formais que se destacaram como figuras significativas para os jovens institucionalizados.

A análise da dimensão *“Percepção do jovem em relação ao tipo de auxílio prestado pelo cuidador formal identificado como figura de vinculação.”* (Quadro 8), indica que a maioria destas figuras de vinculação auxiliam emocionalmente os jovens, em situações de tristeza, angústia, como é exemplificado em seguida:

- Tristeza: E3: *“Se falo da minha família ela diz-me para não esquecer mas para não recordar tanto. Diz-me para não ficar triste.”*;  
E8: *“Ela diz que “não podemos desistir e que temos que seguir em frente”*;  
E10: *“Diz-me para ter calma e assim.”* .
- Angústia: E11: *“Ajuda-me em várias coisas, como a sair de confusões.” [e] “A descobrir a verdade, por exemplo uma vez fui acusado e ele descobriu a verdade. Que não fui eu!”* “
- Aflição: E7: *“...Há duas semanas, nem isso, tive um acidente de moto, a primeira pessoa a quem liguei foi para ele...”*

Estas figuras de vinculação prestam também auxílio escolar (n=2), esclarecendo dúvidas em relação às matérias escolares, bem como auxílio instrumental (n=2), no que diz respeito à organização da unidade residencial do jovem. Mais uma vez, verifica-se que as relações de vinculação assentam na procura principalmente de apoio e proteção, associada a uma figura de vinculação de amparo (Quadro 8). Para os 9 jovens cujo IPI indicou a existência de relações de vinculação com os cuidadores formais, quando questionados sobre *“Em que é que ela/e te ajuda?”*, a maioria dos jovens utilizou expressões que nos permitem inferir que estas figuras de vinculação têm sido disponíveis e acessíveis, estando fortemente presentes na vida deste jovens: Vejamos:

- E3: [ajuda-me nas] *“...coisas assim mais importantes.”*;
- E4: *“ Em tanta coisa, ... ”*;
- E5: *“Em tudo o que eu precisar.”*;
- E7: *“...ajuda naquilo que eu precisar.”*;
- E10: *“Naquilo que eu preciso, (...) Mas ela ajuda-me em tudo, caso eu lhe peça algum favor ela ajuda-me e diz-me o que eu devo ou posso fazer.”*;
- E8: *“Diz-me as coisas que eu não sei, isso é ajudar!”*;
- E11: *“Ajuda-me em várias coisas, como a sair de confusões.”*.

Este resultado é reforçado com a análise comparativa entre o Quadro 7 e o Quadro 8, que evidencia as semelhanças entre os elementos ativadores da procura (Quadro 7) e a percepção dos jovens quanto ao tipo de auxílio recebido pelo cuidador formal identificado como figura de vinculação (Quadro 8). O que nos leva a concluir que estamos presente figuras de vinculação acessíveis e responsivas. Contudo, alertamos para a fragilidade desta possível relação positiva entre estas duas dimensões em análise, uma vez que não fez parte dos nossos

objetivos verificar/avaliar a acessibilidade e responsividade dos cuidadores formais indicados como figuras de vinculação.

No caso dos jovens que não estabeleceram relações de vinculação com os cuidadores do LIJ, os resultados indicam respostas semelhantes às dos jovens com relações de vinculação com esses cuidadores, como se exemplifica:

E1: “*Em tudo! (...) Na escola, nos comportamentos aqui e na escola.*”;

E6: “*Ajuda-me ouvindo-me...*” (...) *dá-me conselhos.*” [...] “*quando se passa alguma coisa, ela primeiro tenta ver se eu estou bem na história ou mal. Caso esteja bem ela diz-me para falar com a pessoa que me fez mal, se for ao contrário ela vai falar com a outra pessoa.*”;

Pareceu-nos de todo relevante compreender como é que estes jovens percecionam o futuro das relações de vinculação. Através da análise do Quadro 9, concluímos que a maioria dos jovens (n=6, 55%) que têm figuras de vinculação entre os cuidadores formais, apresentam uma “*perspetiva negativa e/ou de incerteza*” em relação ao futuro desta relação de vinculação. Deste modo, o discurso destes aponta para a possibilidade futura do seu cuidador formal deixar de trabalhar no LIJ, ou dele próprio (jovem) terminar o seu acolhimento e sair do LIJ. A categoria *Perspetiva positiva e de continuidade* é referida apenas por 3 jovens, que consideram que no futuro a relação de vinculação com o cuidador formal se irá manter. Os jovens cujos cuidadores formais são apenas figuras significativas perspetivam igualmente a continuidade futura dessa relação.

### Discussão

Mota e Matos (2008), ao problematizarem as implicações da institucionalização de jovens, dão relevâncias à qualidade das relações e dos laços afetivos, indicando que os cuidadores têm um papel essencial na reorganização interna dos processos de vinculação dos jovens, ao moderarem os comportamentos e proporcionando segurança de modo consistente, o que conduz a novos comportamentos de vinculação que promovem maior resiliência. Os mesmos autores destacam o estudo realizado por Arpini (2003), em alguns adolescentes institucionalizados descrevem a vivência institucional como o melhor período das suas vidas, associado a um ambiente que proporciona o estabelecimento de laços afetivos que tendem a manter-se, mesmo depois da saída da instituição. Os resultados da 1ª parte desta investigação mostraram, à semelhança do estudo anterior, que a instituição de acolhimento foi capaz de proporcionar relações de vinculação entre os jovens e os seus cuidadores formais.

Segundo o Conselho Técnico Científico da Casa Pia de Lisboa (2004), um dos fatores basilares no sucesso desenvolvimental de crianças institucionalizadas é o modo como cada

jovem interpreta os prestadores de cuidados que vivem (com ele) na instituição. Na nossa investigação, a importância dos cuidadores formais do LIJ na vida destes jovens é claramente evidente pela percentagem que estes obtêm sendo referidas enquanto figuras de vinculação na 3ª e 4ª posição da hierarquia do IPI, com 43,8% e 56,3% respetivamente.

De uma forma geral, e comparando os resultados das várias posições da hierarquia do IPI, os dados obtidos indicam uma 1ª posição constituída essencialmente pelos laços familiares e em, contrapartida, a 4ª posição da hierarquia composta principalmente por cuidadores do LIJ. Os dados das hierarquias indicam que, em média, os jovens da nossa amostra total indicaram 1 funcionário do LIJ como figura de vinculação. Desta forma, os dados do IPI demonstram que após o acolhimento de um jovem, é possível a criação de novas relações de afeto (fora da família), as quais podem ser proporcionadas pelos funcionários da instituição. Relações essas que, de acordo com a revisão da literatura, podem contribuir para a satisfação em diversas dimensões vinculativas dos jovens, conferindo-lhes, por isso, uma sensação de maior confiança (Mota e Matos, 2008, 2010; Pinhel *et al.*, 2009). Ainda sobre a hierarquia das figuras de vinculação, acrescentamos que os resultados sobre a composição da 1ª posição da hierarquia do IPI, constituída principalmente por elementos da família (n=14, 87,5%) sobretudo a mãe (n=5, 31,3%), corresponderam à descrição da literatura. Indicando-nos, então que todas as crianças desenvolvem relações de vinculação com os seus progenitores, mesmo que estes não cumpram as suas tarefas.

De acordo com a teoria da vinculação, a fase da adolescência é um período em que se verifica um distanciamento das figuras de vinculação iniciais em proveito dos pares. Por sua vez, no fim da adolescência começa a ser desenvolvidas relações de vinculação de longo prazo, com os pares, sejam parceiros amorosos ou grandes amigos, que desempenham o papel de figuras de vinculação “em todos os sentidos do termo” (Atger, 2004, p. 150). No caso da nossa amostra e, ao contrário do que seria expectável, tendo em conta as idades dos jovens, as relações com os pares (amigos e namorados) mostraram-se pouco relevantes quando comparados com percentagem das figuras de vinculação pertencentes à família de origem e ao LIJ. A indicação de amigos como figuras de vinculação concentra-se sobretudo nas duas últimas posições do IPI, com 12,5% (n=2) na 3ª posição e 18,8% (n=3) na 4ª posição da hierarquia do IPI.

Ao contrário do que indica a revisão teórica (Mota e Matos, 2008 e 2010; Alves, 2007), os constrangimentos laborais, como por exemplo a rotatividade dos funcionários e o trabalho por turnos, parecem não ter dificultado a relação de vinculação com os cuidadores. À

exceção de um jovem, todos os outros (n=10) pensam que foi fácil construir uma relação com um funcionário do LIJ, sujeita aos constrangimentos anteriormente descritos.

Bowlby sustentou que a criança desenvolve uma hierarquia de relações de vinculação, em primeiro lugar e de maneira preferencial com a figura materna ou um substituto, como *primary caregiver* (conceito de monotropismo), e depois com outras figuras, em particular com o pai (*cit. in* Rabouam e Moralés-Huet, 2004). É, então, reconhecida a existência de figuras de vinculação alternativas aos progenitores. Desta forma, e no caso dos jovens institucionalizados, a construção de uma relação de vinculação com os cuidadores formais é possível, caso estes se envolvam numa relação duradoura com os jovens e se mostrem particularmente sensíveis e disponíveis. Os resultados do nosso estudo indicam que os jovens e as figuras de vinculação do LIJ partilham momentos em comum, ocupados essencialmente a conversar e a efetuar diversas atividades lúdicas. Segundo os jovens, o que determinou a “escolha” dos cuidadores formais com os quais desenvolveram relações de vinculação, foi a sua compreensibilidade, confiabilidade, e disponibilidade para os ajudarem quando necessitam. A análise de conteúdo das justificações dos jovens quanto à nomeação destes cuidadores formais contém expressões que espelham o afeto e o carinho que estes jovens sentem em relação a estas figuras, passando a citar algumas: “...gosto dela...”, “...é uma pessoa que eu gosto e sei que gosta de mim...”, “...gosto da forma dele ser...”.

A criança procura preferencialmente junto de determinadas figuras apoio, conforto, proteção e sustento. A nossa investigação indica que os jovens recorrem essencialmente a estas figuras de vinculação do LIJ quando enfrentam situações em que necessitam de apoio e proteção, resultados que corroboram com a revisão da literatura, que indica que a capacidade para cuidar está associada à capacidade em ser empático e de expressar sentimentos de compreensão.

Recordamos que, pelo facto das figuras parentais dos jovens institucionalizados terem sido em algum momento negligentes, existe uma necessidade de conceber os cuidadores como figuras presentes e cuidadoras. Como tal, torna-se assim premente a necessidade dos jovens estabelecerem e sentirem laços afectivos com figuras significativas, de forma a diminuir a vulnerabilidade face ao risco das situações que atravessam (Mota e Matos, 2008). Quando analisamos a *Perceção do jovem em relação ao tipo de auxílio prestado pelo cuidador formal identificado como figura de vinculação*, sugerem que as figuras de vinculação do LIJ prestam essencialmente três tipos de apoio: a) apoio emocional em situações de tristeza, angústia e aflição; b) apoio escolar através da assistência na realização dos trabalhos escolares e; c) apoio instrumental nas tarefas domésticas. De acordo com a

teoria da vinculação, estes resultados remetem-nos para “...a última tarefa essencial dos (...) *caregivers* [que passa por] apoiar as capacidades do adolescente para enfrentar os afetos gerados pela aprendizagem da independência.” (Atger, 2005, p. 154). Relembramos que o sistema de vinculação é contextual, ou seja, a sua ação resulta de um contexto que ativa ou não este sistema (Guedeney, 2005) e, sobre este último aspeto, os nossos resultados indicaram que as circunstâncias que ativam a procura da figura de vinculação presente na instituição de acolhimento, estão associadas a situações geradoras de dúvida, *stresse* e perigo.

Chamamos a atenção para o facto da maioria dos jovens (n=7, 63,7%) terem atualmente uma perceção positiva em relação ao ingresso e adaptação no LIJ, uma vez que “...o processo de institucionalização pode ser acompanhado de sentimentos de perda, abandono e solidão, na medida em que implica o confronto com a realidade de negligência e insensibilidade parental.” (Mota e Matos, 2010, p. 245). Concordamos com Alves (2007) no sentido em que, no primeiro dia de acolhimento da criança no Lar, o facto de se fazer um acompanhamento personalizado e tentar compreender o estado emocional da criança, é indispensável para conseguir transformar o momento do encontro Lar – Criança num verdadeiro ato de acolhimento, único e individualizado, em que a criança se sinta efectivamente esperada e desejada. E acrescentamos que este modo de acolher poderá ser encarado como uma condição determinante do sucesso do acolhimento e integração deste novo elemento num grupo já constituído, bem como uma forma de facilitar o início das relações de vinculação com os funcionários do LIJ.

Alves (2007) considera que existe uma mentalidade de acolhimento em Portugal, que atribui às instituições responsabilidades e funções amplamente substitutivas do meio familiar junto das crianças e jovens que acolhem, muitas vezes até ao início da idade adulta. Sobre este aspeto é necessário lembrar que, de acordo com a Lei nº 147/99 (LPCJP) uma medida de promoção e proteção é cessada quando o jovem atinge a maioridade ou, nos casos em que tenha solicitado a continuação da medida para além da maioridade, complete 21 anos. Como tal, este início da idade adulta está determinado legalmente e, em alguns, casos coincide com a saída do LIJ. De acordo com os últimos dados nacionais (ISS, *et al.*, 2013), 73,4% dos jovens acolhidos em LIJ (% face ao total de crianças em acolhimento de cada grupo etário) tinham entre 18-20 anos. Em comparação a média de idades da nossa amostra é de 16 anos (DP=1,8), o tempo médio de permanência de 7 anos (DP=4,2).

A maioria dos jovens do nosso estudo têm figuras de vinculação entre os cuidadores formais do LIJ. Quando analisamos a sua perceção em relação ao futuro das relações de vinculação e das relações significativas, concluímos que a maioria dos jovens apresentam



uma *perspetiva negativa e/ou de incerteza*. No contexto da teoria da vinculação, a noção de base segura significa confiar que uma figura de apoio, protetora estará acessível e disponível, e em qualquer idade do individuo (Guedeney, 2004). Desta forma, a percepção negativa da maioria dos jovens quanto à continuidade futura da relação com a figura de vinculação constitui um problema, uma vez que coloca em causa parte das proposições da teoria da vinculação. Partindo deste princípio, Soares (2007, p. 37) indica que “a ênfase na (in)disponibilidade da figura de vinculação está associada à visão da (in)segurança da vinculação: a experiência de segurança acompanha a avaliação da figura de vinculação como disponível, a ansiedade ou insegurança associa-se à percepção de ameaça a esta disponibilidade.”. Esta percepção aponta para a disrupção da relação de vinculação. Podemos afirmar que esta situação se torna mais preocupante no caso dos jovens institucionalizados, uma vez que anteriormente passaram por disrupções das relações de vinculação na família por situações que, de algum modo, colocaram em perigo o seu desenvolvimento. A nova oportunidade de construir novas e outras relações de vinculação aquando da entrada na escola e com a fase da adolescência (Mota e Matos, 2008) constitui, na ótica de Soares (2007), uma oportunidade para reavaliar relações precoces, estabelecidas de modo inseguro, sendo significativas para o processo de mudança dos modelos internos dinâmicos. Contudo, este resultado não deixa de ser alarmante pelo facto destas novas experiências e oportunidades de estabelecerem relações de vinculação não se fazerem acompanhar de perspetivas futuras de continuidade por parte destes jovens.

Porém, não ficam invalidas os resultados gerais do nosso estudo, que indicam ser possível um LIJ se transformar numa «unidade de cuidados intensivos da relação», como sugere Biscaia (2005), com capacidade de cura através do apoio diário e do afeto. Neste sentido, os resultados deste estudo de caso indicam alguns dos fatores determinantes para a construção de um “espaço” verdadeiramente reparador de situações traumáticas que a criança vivenciou no passado.

### **Conclusão**

Os resultados da nossa investigação permitem concluir que é possível os jovens institucionalizados estabelecerem relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ, verificando-se em 12 dos 16 jovens que constituíram a nossa amostra. A maioria destes jovens desenvolveram relações de vinculação baseadas nos laços de familiaridade e no apoio que recebem dos cuidadores do LIJ, uma vez que as hierarquias das figuras de vinculação são

compostas essencialmente por elementos da família nuclear e por funcionários do LIJ. No caso dos jovens que não construíram relações de vinculação com os cuidadores formais, as dimensões analisadas a partir das entrevistas evidenciaram que não existem grandes diferenças entre as relações significativas e as relações de vinculação.

Foram identificados 9 funcionários do LIJ com os quais os 16 jovens desenvolveram relações de vinculação. Em termos de género, temos 5 mulheres e 4 homens, com idades compreendidas entre os 27-55 anos. As figuras de vinculação fazem parte quer da equipa técnica como da equipa de auxiliares da acção educativa.

Apesar dos nossos resultados indicarem que a maioria dos jovens estabelecem relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ, temos algumas reservas quanto à possibilidade destes resultados se verificarem na maioria das instituições de acolhimento em Portugal. Por isso, consideramos como limitações deste estudo, o número reduzido da amostra e o facto de apenas termos estudado um único LIJ. Outra limitação prende-se com a fragilidade dos resultados que indicam semelhanças entre as relações de vinculação e as relações significativas, devido ao número reduzido de relações significativas na amostra.

Neste sentido, consideramos que seria importante em investigações futuras estudar uma amostra de maior dimensão e em diferentes LIJ's, para que fosse possível compreender por exemplo, de que forma é que as características formais dos LIJ's, (como a capacidade de acolhimento, a forma de organização interna, o tipo de equipa técnica ou até mesmo o género de acolhimento) influenciam a criação de relações de vinculação entre jovens e funcionários.

Em estudos semelhantes seria interessante avaliar a qualidade da representação da vinculação dos jovens. De igual modo, seria uma mais valia analisar a capacidade afetiva destes cuidadores formais e perceber de que forma é que eles encaram o “papel” de figuras de vinculação ou de figuras significativas.

Este estudo veio contribuir para um melhor conhecimento da relação de vinculação nos jovens institucionalizados, bem como reafirmar a importância de profissionais verdadeiramente disponíveis para receber e acolher. As conclusões deste estudo poderão também dar um contributo importante para a organização administrativa de Lares de Infância e Juventude, para a elaboração de práticas e rotinas do quotidiano que primem pela interação entre os jovens e os funcionários. Devido aos resultados positivos quanto à nomeação dos funcionários na hierarquia das figuras de vinculação, acreditamos que todos os LIJ's podem ser meios familiares alternativos, através da fomentação e criação de relações de vinculação, essenciais ao desenvolvimento harmonioso de crianças e jovens.

Esta investigação pretende dar um contributo não só para a área do Serviço Social, mas para todas áreas profissionais envolvidas no universo do acolhimento de crianças e jovens em perigo. Os resultados vêm reforçar a importância de analisar e auscultar instituições, em particular as que primam por boas práticas e que demonstram que é possível encontrar num LIJ uma comunidade de afetos. Acreditamos, que só desta forma será possível aperfeiçoar a intervenção na área das crianças e jovens em acolhimento institucional.

## **Bibliografia**

Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada – Percursos adolescentes em Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Atger, F. (2004). Vinculação e Adolescência. In Guedeney, N. e Guedeney, A. (Coord.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. 1ª Edição, pp. 148-156. Lisboa. Climepsi Editores.

Benavente, R., Justo, J. e Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27 (1), 21-31.

Biscaia, J.(2005). *Ao encontro da ternura*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Bowlby, J. (1969/1984). Apego e Perda: vol. 1, *Apego e Perda* (1ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)

Bowlby, J. (1973/1985). Apego e Perda: vol. 3, *Perda - Tristeza e Depressão* (1ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1973)

Bowlby, J. (1973/1998). Apego e Perda: vol. 2, *Angústia e Raiva* (3ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1973)

Canha, J. (2000). *Crianças maltratadas – o papel de uma pessoa de referência na sua recuperação, Estudo prospectivo de 5 anos*. Lisboa: Quarteto Edições.

Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, M. A. (2007). *Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Dissertação de doutoramento não publicada, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.

Conselho Técnico Científico da Casa Pia de Lisboa. (2004). *Um projecto de esperança – Relatório Final*. Acedido em 20, maio, 2011, em [http://www.portais.gov.pt/NR/rdonlyres/7CF96CE7-AA83-4DE1-A7ED-1D2DF3002986/0/Rel\\_Casa\\_Pia.pdf](http://www.portais.gov.pt/NR/rdonlyres/7CF96CE7-AA83-4DE1-A7ED-1D2DF3002986/0/Rel_Casa_Pia.pdf)

Fortin, M-F (2000). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. 2ª Edição. Loures: Lusociência.

Giddens, A. (1993/1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em 1993)

Gomes, Isabel (2010). *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editores.

Guedeney, N. (2004). Conceitos-chave da Teoria da Vinculação. In Guedeney, N. & Guedeney, A. (Coord.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. 1ª Edição (pp. 33-43). Lisboa. Climepsi Editores;

Instituto da Segurança Social. (2005). *Manual de Boas Práticas - Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens*. Acedido em, 20, maio, 2011, em [http://195.245.197.202/downloads/iss/Manual%20Boas%20Práticas%20-%20Crianças%20e%20Jovens\[1\].pdf](http://195.245.197.202/downloads/iss/Manual%20Boas%20Práticas%20-%20Crianças%20e%20Jovens[1].pdf)

Instituto de Segurança Social, I.P., Departamento de Desenvolvimento Social e Programas/ Unidade de Infância e Juventude/Núcleo de Assessoria Técnica aos Tribunais e Acolhimento Institucional/Colaboração do Setor da Adoção, Apadrinhamento Civil e Acolhimento. (2013). *CASA 2012 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Acedido em, 21, Outubro, 2013, em <http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13326/CASA2012>

Kobak, R. e Rosenthal, N. L. (2010). Assessing Adolescents' Attachment Hierarchies: Differences Across Developmental Periods and Associations With Individual Adaptation. *Journal of Research on Adolescence - Society for Research on Adolescence*, 1–29. Acedido em 7, fevereiro, 2012, em 12, fevereiro, 2013, em, <http://www.psych.udel.edu/pdfs/publications/RosenthalKobak10.pdf>

Machado, T. S. (2003). Raciocínio operatório formal: O que se mantém da original definição piagetiana?. *Psychologica*, 32, 147-169.

Magalhães, T. (2005). *Maus tratos em crianças e jovens*. Lisboa: Quarteto

Martins, P. C. M. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco - representações sociais, modos e espaços*. Dissertação de doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.

Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de doutoramento em Psicologia. Porto: Universidade do Porto.

Matos, P.M. & Costa, M.E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.

Morais, I. & Ó, J. (2011). O Território da Privacidade das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento Institucional Prolongado., In Cavalheiros, M., Garrido, M. & Santos, S. (orgs.), *Crianças em Risco e perigo – Contextos, Investigação e Intervenção*. (pp. 165-192) Lisboa: Europress, Lda.

Mota, C. e Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 245-254. Acedido em 7, fevereiro, 2012, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v28n2/v28n2a01.pdf>

- Mota, C. e Matos, P. (2008). Adolescência e Institucionalização: numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377. Acedido em 7, fevereiro, 2012, em, <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7094/2/43362.pdf>
- Muchata, T. (2011). Representação da vinculação e problemas de internalização e externalização em crianças de idade escolar em contexto de toxicodependência parental. Dissertação de doutoramento em Psicologia Clínica. Braga: Universidade do Minho
- Piaget, J.(1967). A psicologia da Inteligência. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pinhel, J., Torres, N. e Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de Vinculação e Problemas de Comportamento associado. *Análise Psicológica*, 4 (XXVII), 509-521.
- Rabouam e Moralés-Huet (2004). Cuidados Parentais e Vinculação. In Guedeney, N. & Guedeney, A. (Coord.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. 1ª Edição (pp. 71-85). Lisboa. Climepsi Editores;
- Rappaport, C. R. (1981). Modelo piagetiano. In Rappaport; Fiori; Davis, *Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais* - Vol. 1. (pp. 51-75). EPU
- Rocha, G. (coord.), Medeiros, O.; Diogo, F. e Diogo A. (2009). Socializações Alternativas. Crianças e Jovens em Instituições nos Açores. Ponta Delgada, Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores.
- Salvaterra, M. F. (2007). *Vinculação e Adopção*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade Nova de Lisboa e Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Simões, S. C. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Dissertação de doutoramento não publicada, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto.
- Soares, I. (2007a). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios.
- Soares, I., Jongenelen, I., Carvalho, M. e Mendes, T. (2007b). Vinculação na adolescência. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 98-158). Braga: Psiquilíbrios.
- Tinoco, V. e Franco, M. (2011). Luto em abrigos de crianças. *Estudos de Psicologia*, 28 (4), 427-434. Acedido em 7, fevereiro, 2012, em <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n4/03.pdf>
- United Nations Children's Fund. (1989). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Acedido em, 2, março, 2010, em [http://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)
- Yunes, M. A. M., Miranda, A. T., e Cuello, S. E. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller. *Abordagem ecológica do desenvolvimento humano: experiência no Brasil* (pp. 193-214). Editora Casa do Psicólogo.

**Legislação:**

Lei nº 147/99 de 1 de Setembro de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo. *Diário da República, I Série – A, 204*, (1999-09-01), 6115

# Apêndices

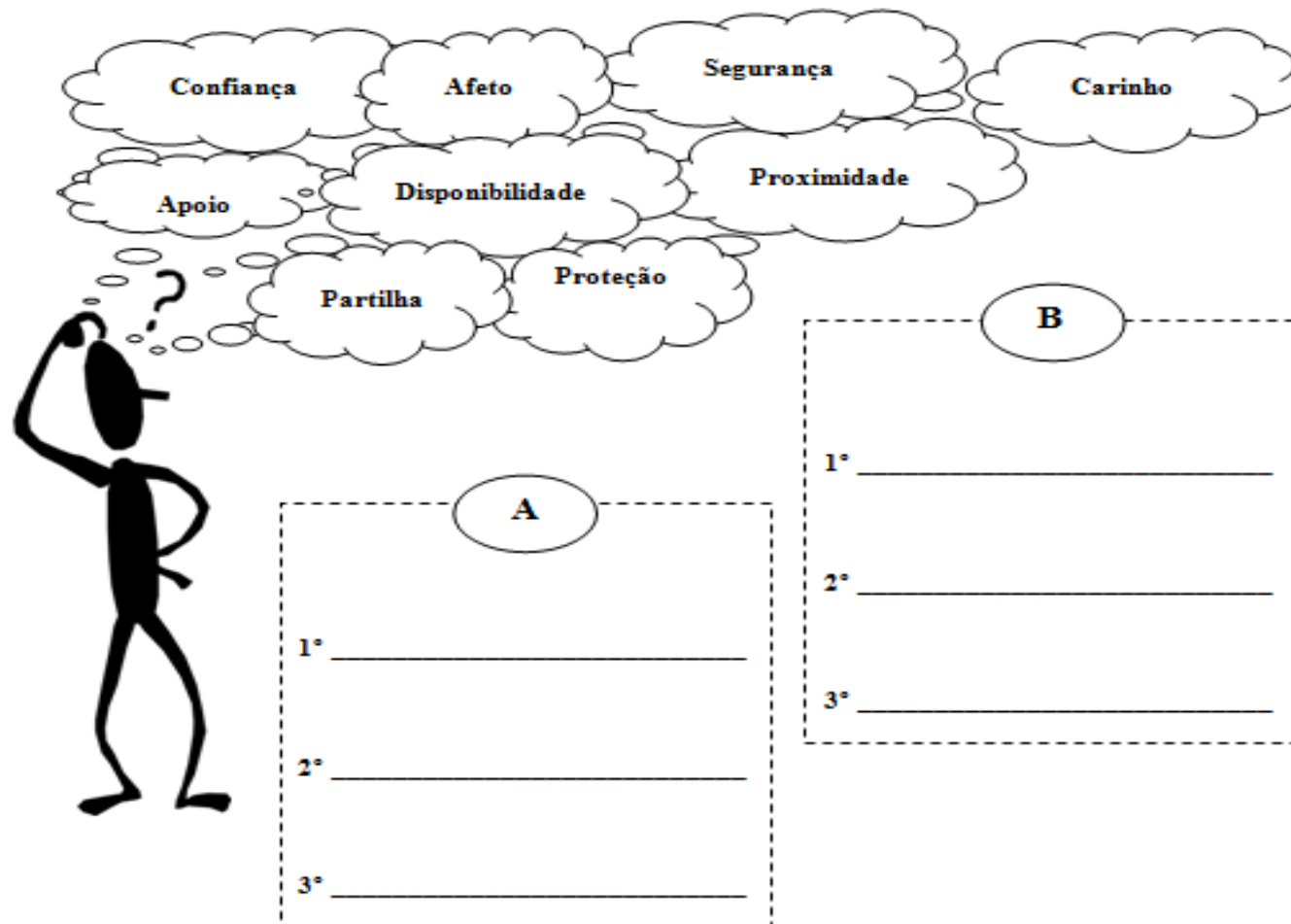
## **Apêndice A**

### **Hierarquização das Figuras de Vinculação por Campos de Vida**



Código n° \_\_\_\_\_

**Hierarquização das Figuras de Vinculação por Campos de Vida**



Confiança   Afeto   Segurança   Carinho

Apoio   Disponibilidade   Proximidade

Partilha   Proteção

**A**

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

**B**

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

**C**

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

4° \_\_\_\_\_

5° \_\_\_\_\_

6° \_\_\_\_\_

7° \_\_\_\_\_

8° \_\_\_\_\_

**OBRIGADA!**

## **Apêndice B**

### **Entrevista semiestruturada:**

### **Entrevista semiestruturada**

- 1.** Podes falar-me um bocadinho sobre a tua chegada e a tua adaptação aqui na Comunidade?
- 2.** Reparei que a/o XXXX<sup>1</sup> é importante para ti. Quando é que a/o conheceste? Já estava cá quando tu chegaste?
- 3.** E como foi no início, quando a/o conheceste?
- 4.** O que é que te levou a escolhê-la/o?
- 5.** Achas que foi difícil, construírem esta relação? Porquê?
  - 5.1.** Tu lembraste de alguma situação que consideras que tenha dificultado a vossa relação de amizade? Podes descrever?
- 6.** Durante o dia estás muito tempo com ela/e? Quanto tempo?
  - 6.1.** De uma forma geral, passas muito tempo com ela/e?
  - 6.2.** O que costumam fazer juntos?
- 7.** Em que circunstâncias é que a/o procuras?
  - 7.1.** Costumas falar muito com ela/e?
  - 7.2.** Sabes quando fazemos alguma “asneira”, todos nós fazemos, não é? Quando tu passas por alguma situação dessas como é, confias na/o XXXX para lhe dizeres?
- 8.** Em que é que ela/e te ajuda?
- 9.** E no futuro, daqui a alguns anos, como é que imaginas que vai ser a tua relação com a/o XXXX?
- 10.** Queres acrescentar alguma coisa sobre a tua relação com a/o XXXX que eu não te tenha perguntado mas que aches importante?

Obrigada pelo tempo e pela conversa!

---

<sup>1</sup>Nome da Figura de Vinculação ou Figura Significativa correspondente a cada jovem.

## **Apêndice C**

### **Questionário para recolha dos dados sociodemográficos dos Jovens funcionário indicados como figuras de vinculação**

Código: \_\_\_\_\_

**Dados sociodemográficos do/a jovem***A preencher pela entrevistadora de acordo com os dados fornecidos pela/o técnica/o mais próxima/o do jovem.***Sexo:**

- ☐ Feminino  
☐ Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos.**Local de nascimento:** \_\_\_\_\_ (freguesia),

Distrito de \_\_\_\_\_.

**Instituição que fez o pedido de acolhimento:**

- ☐ CPCJ  
☐ Tribunal

**Motivo do acolhimento:**


---



---



---



---

**Ano do acolhimento:** \_\_\_\_\_.**Tempo de permanência no atual LIJ:** \_\_\_\_\_ anos.**Primeiro acolhimento institucional?**

- ☐ Sim  
☐ Não. Anteriormente, esteve acolhido \_\_\_\_\_ vezes, em ☐ UE  
☐ CAT  
☐ LIJ  
☐ Acolhimento Familiar

**Tem Projeto de Vida?** ☐ Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
☐ Não

**Escolaridade:**

Aquando a entrada no LIJ:	Atual:	Em 2012 passou de ano?	Alguma vez reprovou?
		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quantas vezes? _____ <input type="checkbox"/> Não

**Algum elemento da família está proibido de visitar o jovem por ordem do tribunal?**

- ☐ Sim. Quem? \_\_\_\_\_  
☐ Não

**Recebe visitas?**

- ☐ Sim. Quem? \_\_\_\_\_  
☐ Não

**Mantém uma relação próxima com os familiares?**

- ☐ Sim. Com quem? \_\_\_\_\_  
☐ Não. Porquê? \_\_\_\_\_

**Familiares no LIJ:**

- ☐ Sim. Quantos? \_\_\_\_\_.  
 Grau de parentesco: \_\_\_\_\_, Idade \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_, Idade \_\_\_\_\_  
☐ Não \_\_\_\_\_, Idade \_\_\_\_\_

**Nº de irmãos:** \_\_\_\_\_. **Posição na fratria:**

- ☐ Filho único  
☐ Filho mais velho  
☐ Filho mais novo  
☐ Filho do meio  
☐ Desconhecido

**Orfandade:**

- ☐ Pai  
☐ Mãe  
☐ Ambos  
☐ Não se aplica

**Idade dos pais:** Mãe \_\_\_\_\_ anos; Pai \_\_\_\_\_ anos;**Estatuto marital dos pais:**

- ☐ Casados/união de facto  
☐ Divorciados/separados  
☐ Viúvo  
☐ Solteiros  
☐ Desconhecido

**Condição de trabalho dos pais:**

- Empregada/o  
 Desempregada/o  
 Nunca trabalhou  
 Reformada/o  
 Benef. RSI  
 Outra situação  
 Desconhecido

**Mãe** | **Pai**

- ☐ ☐  
☐ ☐  
☐ ☐  
☐ ☐  
☐ ☐  
☐ ☐  
☐ ☐

## Dados sociodemográficos dos funcionário indicados como figuras de vinculação

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

### Estatuto marital:

- ☐ Casados/união de facto
- ☐ Divorciados/separados
- ☐ Viúvo
- ☐ Solteiros
- ☐ Desconhecido

### Tem filhos?

- ☐ Sim. Quantos? \_\_\_\_\_.
- ☐ Não.

### Habilitações Literárias:

- ☐ 1º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 2º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 3º ciclo do Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Curso Profissional
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-Graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

### Função que desempenha no LIJ:

\_\_\_\_\_

Anos de trabalho no LIJ: \_\_\_\_\_

### Vínculo laboral:

- ☐ Contrato sem termo
- ☐ Contrato com termo
- ☐ Estagiário

Quantos dias trabalha por semana? \_\_\_\_\_

### Trabalha por turnos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

### Enquanto menor, esteve acolhido em UE, CAT ou LIJ?

- ☐ Sim.
- ☐ Não

### Conhecia algum dos jovens institucionalizados antes do acolhimento?

- ☐ Sim. Quem? \_\_\_\_\_
- ☐ Não

### Conhecia algum dos familiares dos jovens institucionalizados antes do acolhimento?

- ☐ Sim. Familiar de qual jovem? \_\_\_\_\_
- ☐ Não

### Mantém uma relação próxima com algum dos familiares dos jovens acolhidos?

- ☐ Sim. Com quem? \_\_\_\_\_
- ☐ Não.

## **Apêndice D**

**Tabelas de frequências e médias mencionadas na caracterização  
sociodemográfica da amostra total e da subamostra**

Tabela 1

*Distribuição dos jovens da amostra total em função da variável sexo e idade (n=16)*

Variável		Frequências (n)	Percentagens (%)
<b>Sexo</b>	Feminino	5	31,3
	Masculino	11	68,8
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>
<b>Idade</b>	13	1	6,3
	14	3	18,8
	15	3	18,8
	16	3	18,8
	17	3	18,8
	18	1	6,3
	19	2	12,5
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 2

*Média, desvio padrão, valor mínimo e máximo das variáveis: Sexo e idade da amostra total (n=16)*

Medidas de Localização e Dispersão	Sexo	Idade
N	16	16
<b>Média</b>	1,6875	15,9375
<b>Desvio Padrão</b>	,47871	1,80624
<b>Mínimo</b>	1,00	13,00
<b>Máximo</b>	2,00	19,00



Tabela 3

*Distribuição dos jovens da subamostra em função da variável sexo e idade (n=11)*

<b>Variável:</b>		<b>Frequências (n)</b>	<b>Percentagens (%)</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	5	31,3
	Masculino	11	68,8
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>
<b>Idade</b>	13,00	1	6,3
	14,00	3	18,8
	15,00	3	18,8
	16,00	3	18,8
	17,00	3	18,8
	18,00	1	6,3
	19,00	2	12,5
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 4

*Média, desvio padrão, valor mínimo e máximo das variáveis: Sexo e idade da sub amostra (n=11)*

<b>Medidas de Localização e Dispersão</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>
<b>N</b>	11	11
<b>Média</b>	1,7273	15,2727
<b>Desvio padrão</b>	,46710	1,67874
<b>Mínimo</b>	1,00	13,00
<b>Máximo</b>	2,00	19,00

Tabela 5

*Distribuição da variável primeiro acolhimento institucional na amostra total (n=16)*

Primeiro acolhimento institucional?	Frequências (n)	Percentagens (%)
Sim	13	81,3
Não	3	18,8
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 6

*Distribuição da variável tempo de permanência no atual LIJ expresso em anos na amostra total (n=16)*

Tempo de permanência no atual LIJ_Anos	Frequências (n)	Percentagens (%)
3,00	3	18,8
4,00	3	18,8
5,00	4	25,0
7,00	1	6,3
9,00	1	6,3
12,00	1	6,3
14,00	3	18,8
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 7

*Média, desvio padrão, valor mínimo e máximo da variável: tempo de permanência no atual LIJ expresso em anos da amostra total (n=16)*

Medidas de Localização e Dispersão	
N	16
Média	6,9375
Desvio padrão	4,21851
Mínimo	3,00
Máximo	14,00

Tabela 8

*Distribuição da variável instituição que aplicou a medida de colocação em LIJ na amostra total (n=16)*

Instituição que fez pedido de acolhimento	Frequências (n)	Percentagens (%)
CPCJ	12	75,0
Tribunal	4	25,0
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 9

*Distribuição da variável Projecto de Vida dos jovens na amostra total (n=16)*

Projeto de Vida	Frequências (n)	Percentagens (%)
Autonomização	12	75,0
Regresso à família de origem	4	25,0
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 10

*Distribuição da variável número de reprovações escolares na amostra total (n=16)*

Em 2012 passou de ano?	Frequências (n)	Percentagens (%)
Sim	14	87,5
Não	2	12,5
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 11

*Distribuição da variável contato com a família na amostra total (n=16)*

Tem contato com os familiares?	Frequências (n)	Percentagens (%)
Sim	13	81,3
Não	3	18,8
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 12:  
Distribuição da variável visitas no LIJ na amostra total (n=16)

Recebe visitas?	Frequências (n)	Percentagens (%)
Sim	7	43,8
Não	9	56,3
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 13:  
Distribuição na amostra da variável: nº de irmãos acolhidos no LIJ por cada jovem (n=16)

Nº de irmãos acolhidos no mesmo LIJ por cada Jovem	Frequências (n)	Percentagens (%)
Nenhum	3	18,8
Um	7	43,8
Dois	6	37,5
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Tabela 14:  
Distribuição na amostra da variável: Orfandade pai/mãe (n=16)

Orfandade	Frequências (n)	Percentagens (%)
N/A	12	75,0
Mãe	1	6,3
Pai	3	18,8
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Nota: N/A: Não se aplica

## **Apêndice E**

### **Tabela de frequências do IPI por cada posição da hierarquia**

Tabela 15:

*Distribuição das variáveis: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª posição da hierarquia do IPI por vínculo de relação, na amostra total (n=16)*

		<b>Frequências n</b>	<b>Percentagens %</b>
<b>1ª Posição IPI (vínculo da relação)</b>	Família	14	87,5
	Namorado	1	6,3
	Funcionário LIJ	1	6,3
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>
<b>2ª Posição IPI (vínculo da relação)</b>	Família	10	62,5
	Amigo	1	6,3
	Funcionário LIJ	5	31,3
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>
<b>3ª Posição IPI (vínculo da relação)</b>	Família	7	43,8
	Amigo	2	12,5
	Funcionário LIJ	7	43,8
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>
<b>4ª Posição IPI (vínculo da relação)</b>	Família	4	25
	Amigo	3	18,8
	Funcionário LIJ	9	56,3
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

## **Apêndice F**

### **Número de cuidadores formais nomeados no IPI por cada jovem e cálculo da média**

Tabela 17

*Número de cuidadores formais nomeados no IPI por cada jovem e cálculo da média (n=16)*

Código dos jovens	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	J12	J13	J14	J15	J16
Nº de cuidadores formais do LIJ nomeados pelos jovens (n=16)	0	2	4	2	3	0	1	2	3	1	1	0	0	1	1	1
<b>Média aritmética simples:</b>	<b>1,38</b>															



## **Apêndice G**

### **Quadros de Análise de Conteúdo**

Quadro 1

*Análise da dimensão: Percepção dos jovens sobre a "chegada" e adaptação na Comunidade*

Dimensão	Categorias	Frases ilustrativas	Nº Casos
<i>Percepção dos jovens sobre a "chegada" e adaptação na Comunidade</i>	Positiva	<p><b>E1:</b><sup>a</sup> “Trataram-me bem, até porque já tinha aqui as minhas duas irmãs. Já tinha mais ou menos relacionamento porque costumava vir cá visita-las. E correu bem!”;</p> <p><b>E3:</b> “Adaptei-me bem e fiz amigos. [...] “Eu adaptei-me logo muito rápido.”;</p> <p><b>E4:</b> “Adaptei-me bem, conheci boas pessoas.” [...] “Gostei do ambiente...”. [...] “Foi bom.”;</p> <p><b>E6:</b><sup>a</sup> “Foi bom, vim de Lisboa para aqui. Nos primeiros dias estava assim um bocadinho <i>coiso</i>, mas depois adaptei-me.”;</p> <p><b>E8:</b> “Boa, apesar de não saber porque é que aqui estava, adaptei-me bem”;</p> <p><b>E9:</b> “Acho que me adaptei bem.”;</p> <p><b>E11:</b> “No início adaptei-me mal mas depois ... Coiso. Depois adaptei-me bem, depois foi bom.”.</p>	7
	Difícil	<p><b>E5:</b> “Foi estranho, (...). Foi estranho, mas receberam-me bem. Foi um bocado difícil para me adaptar mas adaptei-me...”;</p> <p><b>E7:</b> “ (...) no início é sempre difícil. [...] ” Eles no início entendem que é difícil para uma criança ser separada dos pais.”;</p> <p><b>E10:</b> “ (...) foi difícil, porque eu não conhecia nada. “ .</p>	3
	Confusa	<p><b>E2:</b> “Foi muito confuso, houve muitas mudanças (...). “[...] “Foi muito confuso (...).”.</p>	1

**Nota:** <sup>a</sup> Os jovens com o código **E1** e **E6** (indicados com cor azul) não desenvolveram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ. Estes cuidadores apenas são figuras significativas para os jovens.

Quadro 2

*Análise da dimensão: Características do cuidador formal e figura de vinculação que determinaram a escolha do jovem*

<b>Dimensão:</b> <i>Características do cuidador formal e figura de vinculação que determinaram a escolha do jovem</i>		
<b>Categorias</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Compreensivo/a</i>	<p><b>E5</b> “Eu confio nela e sei que se passasse por algo grave, ou se eu errasse ela não ia julgar-me.” [...]“... eu sei que se fosse falar com uma funcionária qualquer ela ia logo julgar-me. Iam fazer-me sentir mal. Mas eu sei que se fosse falar com ela, ela ia perguntar-me o que é que se tinha passado, ia acalmar-me. Depois é que me ia dizer “olha erraste” (...);</p> <p><b>E7:</b> “(...) sei que se falar com ele, ele compreende-me e fala ouve ... não é bem como deve ser.”;</p> <p><b>E9:</b> “Porque daqui é um dos funcionários mais <i>fixe</i> para mim. <i>E. – E o que é isso de ser fixe?</i> e. – Então é... Entender as pessoas, sei lá.”;</p> <p><b>E10:</b> “Porque ela percebe-me melhor do que os outros todos, sei lá.” [...] “com ela é diferente... Porque com ela eu falo coisas, que eu sei que ela me percebe. Mas com os outros eu não posso falar porque eles não me percebem.”.</p>	<b>4</b>
<i>Confiável</i>	<p><b>E4:</b><sup>a</sup> “Tem a minha confiança.”;</p> <p><b>E5:</b> “Eu confio nela...” [...] “E também é a confiança, porque eu não faço uma coisa e conto a uma pessoa qualquer. Tem de ser uma pessoa que eu tenha confiança e não me diga “estás a mentir” ou “não acredito”;</p> <p><b>E8:</b><sup>a</sup> “Porque se tiver algum problema eu vou sempre à “tia” xxxx”.</p>	<b>3</b>
<i>Atencioso/a</i>	<p><b>E3:</b> Porque ela dava-me muita atenção, dizia-me: “não podes fazer aquilo”, “não faças, se não ficas de castigo”. Ou assim... [...] Imponha respeito e ensinava-me a ser uma pessoa como deve ser[...] “No passado ela deu-me algumas informações, “ah, não faças isso!”.”;</p> <p><b>E5:</b> “Ela teve sempre atenção comigo. “.</p>	<b>2</b>
<i>Respeitador/a</i> <i>Engraçado/a</i> <i>Moderno/a</i> <i>Responsável</i> <i>Idade (jovem)</i>	<p><b>E4:</b><sup>a</sup> “Respeita-me.”;</p> <p><b>E8:</b><sup>a</sup> “...porque ela é mais engraçada.”;</p> <p><b>E2:</b> “É mais moderno.”;</p> <p><b>E4:</b><sup>a</sup> “Porque é responsável, sabe lidar com os outros.”;</p> <p><b>E7:</b> “Ele é mais ou menos da minha idade (19 anos), dou-me bem com ele.”.</p>	<b>1 (por cada)</b>

**Nota:** Esta dimensão inclui o elemento **E11**, por este não ter referido nenhuma característica, justificando a sua escolha da seguinte forma: “Porque eu acho que é ele que me ajuda mais aqui.” [e] “Nas coisas que eu preciso e assim. (...) Quando preciso de alguma consulta ou assim.”.

<sup>a</sup> Nesta dimensão os elementos **E4**, **E8** pertencem a duas categorias, o que significa que característica da exclusividade das categorias não foi respeitada. Mantemos esta forma de análise porque questionamos os jovens sobre as caraterísticas (plural) admitindo por isso esta dupla pertença a duas categorias. E porque as duas categorias não se contradizem mas se complementam, como tal não colocou em causa esta análise

## Quadro 3

*Análise da dimensão: Ações da figura de vinculação que determinaram a escolha do jovem*

<b>Dimensão: Ações da figura de vinculação que determinaram a escolha do jovem<sup>a</sup></b>		
<b>Ações</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>“Conversa comigo”</i>	<b>E2:</b> “Porque é a pessoa, de entre os funcionários, com quem mais converso. [...] “...temos maior comunicação.”; <b>E5:</b> “...falava comigo. Depois foi ganhando confiança, passei a desabafar com ela (...).”; <b>E7:</b> “... sei que se falar com ele, ele compreende-me e fala ouve ... não é bem como deve ser. Ele sabe, afinal é quase da minha idade, então tanto podemos falar como adultos ou como jovens.”; <b>E8:</b> “Porque me sinto mais à vontade para falar com ela, porque ela é mais engraçada”.	<b>4</b>
<i>“Ajuda-me”</i>	<b>E4:</b> “... ajuda-me quando eu estou com dificuldades.”; <b>E10:</b> “Gostei e ela ajuda-me em tudo o que eu preciso. Eu gosto muito dela.”. <b>E11:</b> “Porque eu acho que é ele que me ajuda mais aqui.”.	<b>3</b>
<i>“Aconselha-me”</i>	<b>E3:</b> “E ela deu-me opiniões de não andar a fazer <i>porcaria</i> , não chamar de nome aos outros. (...) Não tem muito bem explicação.”.	<b>1</b>

**Nota:** Este quadro não inclui a análise das respostas dos jovens cujos cuidadores formais são apenas figuras significativas e não figuras de vinculação.

<sup>a</sup> A presente análise não inclui a resposta do jovem **E9**, uma vez que este não indicou nenhuma ação em particular da figura de vinculação como determinante da sua escolha, como tal não consta da análise de conteúdo deste quadro. Uma vez que este justificou a sua escolha da seguinte forma: “*Porque daqui é um dos funcionários mais fixe para mim. E. – E o que é isso de ser fixe? e. – Então é... Entender as pessoas, sei lá.*” [...] “*É porque eu não me dou muito bem com a minha família, então...*”. Como tal o total de casos analisados é de 8 em vez de 9 elementos

## Quadro 4

*Análise da dimensão: Confiança no cuidador formal identificado como figura de vinculação ou como figura significativa*

<b>Dimensão:</b> <i>Confiança no cuidador formal identificado como figura de vinculação ou como figura significativa<sup>a</sup></i>		
<b>Categoria</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Confiança total</i>	<p><b>E3:</b> “Ela põe-me de castigo e eu sei que mereço porque eu fiz <i>porcaria</i>. Se eu fiz a <i>porcaria</i>, eu tenho que levar com a culpa. “[...] “Ah, sim! Digo que fiz aquilo e que não era o que queria fazer, <i>pronto!</i>” ;</p> <p><b>E5:</b> “Confio.” [...] “...muitas vezes.” [...] “Falo mais com ela, não é? Mas se calhar ela não estar, falo com outra pessoa. (...) ãah, no Dr. João. É mais frequente. É só.” ;</p> <p><b>E7:</b> “Sim, na boa.” [...] “Confio mais nele, porque nem sei explicar... Porque como fomos desenvolvendo uma amizade, sinto-me mais à vontade.” ;</p> <p><b>E8:</b> “Sim. [<i>Confio</i>] ” [...] “Não. Isso conto à “tia” xxx ou à “tia” xxx e à minha mãe pelo telefone.”;</p> <p><b>E10:</b> “Sim confio, já sei que vou ouvir mas conto. “;</p> <p><b>E11:</b> “Confio para me ajudar, <i>né?</i> Mas fico com vergonha de contar o que fiz.” [...] “Claro! É ele a única pessoa que me pode ajudar aqui (Comunidade).” [...] “...porque ele é o meu gestor por isso tem que me ajudar nas coisas que eu faço.”;</p> <p><b>E1:</b><sup>a</sup> “Confio, MUITO!” [...] “Vou falar com ele. “[...] “Quando vejo que é uma situação em que estou muito apertado, falo com ele.”;</p> <p><b>E6:</b><sup>a</sup> “Sim. [<i>Confio</i>] ” [...] “Algumas coisas falo com ela, outras, falo com outras funcionárias.” [...] “E. – <i>Quem, por exemplo?</i> e. – A Dr.<sup>a</sup> xxx.” [...].</p>	<b>8</b>
<i>Confiança depende da “asneira”</i>	<p><b>E2:</b> “Depende da asneira.” [...] “É nele que eu confio, falo com ele. “[...] “Então, contava uma asneira por exemplo de bater num colega, mas por exemplo não contava uma asneira por exemplo... (0.3, a pensar) ... de por exemplo, roubar alguma coisa.” [...] “É nele que eu confio, falo com ele. “[...]”;</p> <p><b>E4:</b> “Nem sempre.” “Isso é mais com as minhas irmãs. “[...] “Quando é uma coisa grave, chocante falo com as minhas irmãs. Mas quando é uma coisa menos grave aí falo com o Dr. xxx.”.</p>	<b>2</b>
<i>Ausência de confiança</i>	<p><b>E9:</b> “Não, porque quando faço algo de mal não conto a ninguém. Se conto, só conto ao meu irmão. Ou então só sabem quando se descobre, e quando se descobre ele normalmente diz-me “<i>não devias ter feito isso</i>”.”.</p>	<b>1</b>

**Nota:** <sup>a</sup> Os jovens com o código **E1** e **E6** (indicados com cor azul) não desenvolveram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ. Estes cuidadores apenas são figuras significativas para os jovens.

## Quadro 5

Análise da dimensão: *Atividades conjuntas - jovem e figura vinculação ou fig. Significativa*

<b>Dimensão: Atividades conjuntas - jovem e figura vinculação ou fig. Significativa<sup>a</sup></b>			
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Conversar</i>	- Falar.	<b>E1:</b> <sup>b</sup> "...nas férias passo quase todo o tempo no escritório com ele, a conversar a rirmos um bocado." [...] "Jogar computador, ajuda-me a fazer um trabalho, (...) ouvir musica."; <b>E2:</b> "...falávamos, como correu o dia e isso..."; <b>E5:</b> "Falamos."; <b>E6:</b> <sup>b</sup> "Um bocadinho a estudar e a falar."; <b>E7:</b> "Eu estou na <i>net</i> e falamos, ..."; <b>E9:</b> "Eu venho para o computador e ele está no computador também e falamos."; <b>E10:</b> "Conversamos."; <b>E11:</b> "Conversamos sobre como eu ando, como eu me sinto.".	<b>8</b>
<i>Atividades lúdicas</i>	- Jogar jogos no computador; - Jogar futebol; - Jogar <i>ping-pong</i> ; - Jogar bilhar; - Ouvir música; - Dançar; - Confeccionar bijutarias.	<b>E1:</b> <sup>b</sup> Jogar computador, (...) ouvir musica"; <b>E2:</b> "Joga futebol, gosta de músicas também, das músicas que nós gostamos."; <b>E3:</b> "Estivemos a brincar..."; <b>E4:</b> "Fazemos alguns jogos." [...] "... os de computador, os de mesa, ping-pong e assim..."; <b>E5:</b> "... podemos estar a falar e eu a dançar (tem um grupo de dança na Comunidade), ela também dança comigo."; <b>E6:</b> <sup>b</sup> Ela ensina-me também a fazer pulseiras, recortar flores, e isso..."; <b>E7:</b> "...ouvimos umas músicas porque temos os mesmos gostos, falamos de filmes.".	<b>7</b>
<i>Tarefas domésticas</i>	- Arrumar a casa; - Limpar a casa; - Colocar a mesa para refeições.	<b>E3:</b> "Arrumar a casa por exemplo, e outras coisas." [...] "Limpar a casa..."; <b>E8:</b> "Ajudo-a a colocar a mesa, pergunto-lhe se quer ajuda para alguma coisa." [...] "Limpo a mesa, ponho a mesa, tiro a mesa.".	<b>2</b>

**Nota:** <sup>a</sup> Nesta dimensão os elementos **E1, E2, E3, E5, E6 e E7** pertencem a duas categorias, o que significa que característica da exclusividade das categorias não foi respeitada. Mantemos esta forma de análise porque questionamos os jovens sobre as atividades (plural) admitindo por isso esta dupla pertença a duas categorias. E porque as duas categorias não se contradizem mas se complementam, como tal não colocou em causa esta análise.

<sup>b</sup> Os jovens com o código **E1** e **E6** (indicados com cor azul) não desenvolveram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ. Estes cuidadores apenas são figuras significativas para os jovens.

## Quadro 6

*Análise da dimensão: Percepção do jovem sobre possíveis dificuldades na construção da relação com o cuidador formal*

<b>Dimensão: Percepção do jovem sobre possíveis dificuldades na construção da relação com o cuidador formal</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Fácil</i>	<b>E2:</b> “Ficamos logo amigos.”; <b>E3:</b> “Não.” ; <b>E4:</b> “Não.” ; <b>E5:</b> “Não.” ; <b>E6:</b> <sup>a</sup> “Não.”; <b>E7:</b> “Não, não.”; <b>E8:</b> “Foi fácil. Acho que foi.” [...] “Aaah... Porque comecei logo a falar com ela. Então foi mais fácil.”; <b>E9:</b> “Não. Foi normal.”; <b>E10:</b> “Não.”; <b>E11:</b> “Não.”;	<b>10</b>
<i>Difícil</i>	<b>E1:</b> <sup>a</sup> “Um bocado, sim.” [...] “Porque, também queria ter as minhas coisas, queria ir aos treinos e as sessões que eu tinha com ele eram em cima dos treinos. Mas simpatizei com ele a partir do momento em que ele chegou ao pé de mim e diz “ <i>ah, tens treinos nestes dias, então os dias que não tens treinos vens cá</i> ”. Se fosse outra pessoa dizia que eu não ia ao treino nesse dia. Desde aí comecei a simpatizar melhor com ele.”.	<b>1</b>

**Nota:** <sup>a</sup> Os jovens com o código **E1** e **E6** (indicados com cor azul) não desenvolveram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ. Estes cuidadores apenas são figuras significativas para os jovens.

Quadro 7

*Análise da dimensão: Jovem dirige-se de forma preferencial à figura de vinculação em busca de..*

<b>Dimensão:</b> Jovem dirige-se de forma preferencial à <b>figura de vinculação</b> em busca de.. <sup>a</sup>		
<b>Categoria</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Apoio e proteção</i>	<p><b>E2:</b> “Quando estou aflito.” [...] “Então quando preciso de ajuda, por algum motivo.” [...] “Por causa da escola, porque estava a chegar ao fim do ano e precisava de passar.”;</p> <p><b>E3:</b> “...quando passo por situações difíceis e isso.” [...] “Na escola, quando passo mal na escola.”;</p> <p><b>E5:</b> “Normalmente, é quando necessito conversar. Quando preciso de conversar (...) Ou quando é sobre um assunto que me sinto mais à vontade para falar com ela.”;</p> <p><b>E7:</b> “Eu venho para aqui e nós conversamos.”;</p> <p><b>E8:</b> “Quando preciso de alguém, quando preciso de ajuda vou ter com ela.” [...] “Quando há coisas que eu não sei (...) “Coisas sobre a vida, sobre a Comunidade, conselhos...”;</p> <p><b>E10:</b> Naquilo que eu preciso, (...) ela ajuda-me em tudo, caso eu lhe peça algum favor ela ajuda-me e diz-me o que eu devo ou posso fazer.”;</p> <p><b>E11:</b> “Quando preciso de ajuda.” [...] “Para sair de alguma confusão ou assim.” [...] “Desabafo com ele às vezes...”.</p>	<b>7</b>
<i>Companhia</i>	<b>E4:</b> “É para irmos jogar, jogos de mesa.” .	<b>1</b>

**Nota:** Este quadro apenas analisa os jovens com relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ, ou seja, um total de 9 casos.

<sup>a</sup> Alertamos para o facto de esta dimensão não incluir o elemento **E9**, uma vez que este referiu que nunca procura a figura de vinculação.



Quadro 8

*Análise da dimensão: Percepção do jovem em relação ao tipo de auxílio prestado pelo cuidador formal identificado como figura de vinculação*

<b>Dimensão:</b> Percepção do jovem em relação ao tipo de auxílio prestado pelo cuidador formal identificado como figura de vinculação. <sup>a</sup>		
<b>Categoria</b>	<b>Frase ilustrativa</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Emocional</i>	<p><b>E2:</b> “Ajuda-me a não fazer asneiras, conselhos para evitar confusões...”;  <b>E3:</b> “A conhecer gente como deve ser, boa, e essas coisas assim mais importantes.” [...] “Conversa com a pessoa com quem tive o problema. Se falo da minha família ela diz-me para não esquecer mas para não recordar tanto. Diz-me para não ficar triste.”;  <b>E7:</b> “...ajuda naquilo que eu precisar.” [...] “...Há duas semanas, nem isso, tive um acidente de mota, a primeira pessoa a quem liguei foi para ele...”;  <b>E8:</b> “Diz-me as coisas que eu não sei, isso é ajudar! Ensina-me a fazer coisas que eu não sei.” [...] “Ela diz que “não podemos desistir e que temos que seguir em frente” é isso! “[...]Ela também costuma dizer para “aproveitarmos os estudos”, ... “;  <b>E10:</b> “Naquilo que eu preciso, mas eu agora já não preciso de nada. Mas ela ajuda-me em tudo, caso eu lhe peça algum favor ela ajuda-me e diz-me o que eu devo ou posso fazer. Diz-me para ter calma e assim.”;  <b>E11:</b> “Ajuda-me em várias coisas, como a sair de confusões.” [...] “A descobrir a verdade, por exemplo uma vez fui acusado e ele descobriu a verdade. Que não fui eu.”.</p>	<b>6</b>
<i>Escolar</i>	<p><b>E4:</b> “Em tanta coisa, por exemplo nos computadores e às vezes nos estudos.”;  <b>E5:</b> “Por exemplo se eu estiver a estudar, porque eu costumo ir ao estudo normalmente, se eu não percebo alguma coisa: “<i>ah, “tia” eu, não percebo isto aqui, não sei quê.</i>”.</p>	<b>2</b>
<i>Instrumental</i>	<p><b>E2:</b> “Aah::, a arrumar o meu quarto.”;  <b>E3:</b> “Ela é que me arranjava... Porque eu não vim com muita roupa, então ela é que me arranjava roupa. Ela é que tratava dessas coisas.” [...] “Muita coisa, às vezes é a fazer a cama, outras vezes é a.... Tanta coisa!”.</p>	<b>2</b>

**Nota:** <sup>a</sup> Nesta dimensão os elementos **E2** e **E3** pertencem a duas categorias, o que significa que característica da exclusividade das categorias não foi respeitada. Mantemos esta forma de análise as duas categorias não se contradizem mas se complementam, como tal não colocou em causa esta análise. Alertamos para o facto de esta dimensão não incluir o elemento **E9**, uma vez que este referiu “*Não sei... (0.6) Porque ele não é o meu gestor...*”, [,] “*Ele às vezes pergunta se “vai tudo bem no curso?” “se vou continuar?”*”.

Quadro 9

*Análise da dimensão: Perceção dos jovens quanto ao futuro da relação de vinculação ou da relação significativa*

<b>Dimensão:</b> Perceção dos jovens quanto ao futuro da relação de vinculação ou da relação significativa		
<b>Categorias</b>	<b>Frases ilustrativas</b>	<b>Nº Casos</b>
<i>Perspetiva negativa e/ou de incerteza</i>	<p><b>E3:</b> “Ainda não sei porque não sei a “tia” xxx vai continuar cá daqui a alguns anos.”;</p> <p><b>E4:</b> “Isso agora vai ser mais difícil.” [...] “Porque ele vai embora, ainda não sabemos mas tudo pode acontecer.” [...] “Vou ficar um bocadito desiludido.”;</p> <p><b>E5:</b> “No futuro não vai ser igual, não é, porque ... no futuro... Já não vou estar tanto tempo com ela. Mas...” [...] “Porque aos dezoito anos tenho que ir embora, não é? E vou para Lisboa.” [...] “Mas como nunca vou perder a minha ligação à Comunidade estou a planear vir cá e... E sei que no futuro se eu precisar de alguma coisa, eu posso contar sempre com ela também.”;</p> <p><b>E8:</b> “Não sei...” [...] “Acho que ainda vou ter contacto com ela. Mas eu não sei bem, como é que vai ser! Mas eu acho que vou ter um contacto com ela mas vai ser diferente. Vamos estar um pouco mais afastadas.” [...] “Eu acho que vai ser assim, <i>né</i>? Porque algumas pessoas de dezasseis, dezassete anos já estão um pouco mais afastadas da família, da mãe, pai, do tio, assim...”</p> <p><b>E9:</b> “Acho que não, posso telefonar para a Comunidade se já não estiver cá e se ele estiver aí falo com ele. Mas eu não telefonava de propósito só para falar com ele.”;</p> <p><b>E11:</b> “Não sei.”.</p>	<b>6</b>
<i>Perspetiva positiva e de continuidade</i>	<p><b>E2:</b> “Ah:::, vai ser boa.” [...] “Vai ser amigo, vai ser amigo.”;</p> <p><b>E7:</b> “Quero manter contacto, sim. Não perder o contacto.” [...] “...temos uma boa amizade.”;</p> <p><b>E10:</b> “Vai continuar...” [...] “E - ... <i>achas que vais continuar a ser amigo dela?</i> e. – Sim.”;</p> <p><b>E1:</b><sup>a</sup> “EXCELENTE.” “E - <i>Agora tens 14 anos, imagina-te com 18 anos, achas que vais ter contacto com ele?</i> e. – Sim.”;</p> <p><b>E6:</b><sup>a</sup> “Vai ser boa.” [...] “Penso manter, telefone, acho mais fácil.”.</p>	<b>5</b>

**Nota:** <sup>a</sup> Os jovens com o código **E1** e **E6** (indicados com cor azul) não desenvolveram relações de vinculação com os cuidadores formais do LIJ. Estes cuidadores apenas são figuras significativas para os jovens.

# **Anexos**

## **Anexo 1**

### **Consentimento para a realização da investigação**

Exma. Sra. Diretora da Comunidade Juvenil São Francisco de Assis

Eu, Anabela dos Santos, Licenciada em Sociologia, pós-graduada em Economia Social – Cooperativismo, Mutualismo e Solidariedade e mestranda em Serviço Social, no Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), pretendo desenvolver um estudo no âmbito das relações de vinculação entre jovens institucionalizados e os seus cuidadores formais, com idades superiores ou iguais a 13 anos, de ambos os géneros.

Este estudo é desenvolvido no âmbito da minha Tese de Mestrado e será feito sob a orientação da Prof. Doutora Sónia Simões, docente no ISMT.

A participação do jovem do qual é responsável legal, será totalmente anónima e confidencial, bem como não será divulgado o nome da Instituição onde se encontra acolhido/a.

A obtenção de dados para este estudo será feita através da aplicação de um instrumento de hierarquização das figuras de vinculação e de uma entrevista semi-estruturada, ambos anónimos e confidenciais, que serão administrados durante os meses de (a determinar) de 2013 a todos os jovens pertencentes à amostra. Esta aplicação decorrerá nas instalações do LIJ.

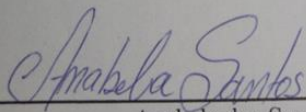
Assim, solicito a V. Exa. permissão para contactar os jovens com idades iguais ou superiores a 13 anos e com um tempo mínimo de permanência no LIJ de 2 anos contínuos, no sentido de lhes solicitar a sua participação. Caso obtenha o consentimento destes, solicitava também a permissão para administrar nesta instituição de acolhimento os referidos instrumentos de investigação aos jovens.

A participação é meramente voluntária. A administração dos supracitados instrumentos decorrerá durante o horário em que o jovem se encontrar no LIJ, em data e hora a combinar com o/a Director/a da instituição referida para minimizar o impacto no horário de lazer e escolar. Expresso antecipadamente os meus sinceros agradecimentos e despeço-me com os melhores cumprimentos.

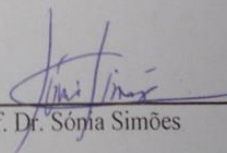
Coimbra, 19 de junho de 2013

A orientadora:

A responsável pelo estudo:



Anabela dos Santos



Prof. Dr. Sónia Simões

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

*Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária os jovens acolhidos nesta instituição forneceram, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.*

Assinatura:



ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO:

UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A DIRETORA DA INSTITUIÇÃO QUE CONSENTE

## **Anexo 2**

### ***Important People Interview –IPI***

**Versão original, cedida pelo Prof. Dr. R. Rogers Kobak**

### NOMINATIONS PART I

- Think about the people who are important to you in your life.
- Who are the four most important people in your life?

Name	Specific Relationship	Age	Live with you? (y/n)	See Everyday? (y/n)	Adult or Peer?
1.					
2.					
3.					
4.					

### NOMINATIONS PART II

- Think about the important people in your life that are the same age as you, such as your best friends and your romantic relationships.
- Who are the four most important friends in your life? Do not list siblings. (*Encourage participant to fill all 4 slots*)

*Note to Interviewer:*

*If the participant wants to include someone that he or she already listed on the previous page, allow the participant to relist this person.*

Name	Specific Relationship	Age	See Everyday? (y/n)	Sex
5.				
6.				
7.				
8.				

### RANKINGS

*Note to interviewer: Write the names of the above people on index cards (up to 8 people) and include a card with “nobody” written on it. If a respondent chooses “nobody” at any point, the respondent should stop ranking the other individuals and go on to the next vignette.*

Please consider all of the people you listed in order to answer the following questions. If at any point you would not use any of the people remaining on the cards, answer with the “nobody” card.

**1. Of the people you listed, who do you feel closest to? \_\_\_\_\_**

Who do you feel next closest to? \_\_\_\_\_

Who do you feel next closet to? \_\_\_\_\_

Who do you feel next closest to? \_\_\_\_\_

**2. Imagine that you must fly across the country and stay in a hotel for two weeks. Of those on your list, who would you miss the most? \_\_\_\_\_**

Who would you miss the next most? \_\_\_\_\_

Who would you miss the next most? \_\_\_\_\_

Who would you miss the next most? \_\_\_\_\_

**3. Who would you most choose to be with if you wanted to have fun and have a good time? \_\_\_\_\_**

If that person wasn't available, which person would you choose next? \_\_\_\_\_

If that person wasn't available, which person would you choose next? \_\_\_\_\_

If that person wasn't available, which person would you choose next? \_\_\_\_\_

**4. Of the people you listed above, which person do you most enjoy being with when you have free time? \_\_\_\_\_**

Which person would you say you enjoy being with second best? \_\_\_\_\_

Which person would you say you enjoy being with third best? \_\_\_\_\_

Which person would you say you enjoy being with fourth best? \_\_\_\_\_

**5. Imagine that you are walking by yourself. While crossing the street you are suddenly hit by a car. The next thing you know, you are waking up in a hospital emergency room. Who do you call first? \_\_\_\_\_**

If that person was unavailable, who would you call next? \_\_\_\_\_

If that person was unavailable, who would you call next? \_\_\_\_\_

If that person was unavailable, who would you call next? \_\_\_\_\_

**6. Of the people you listed above, who most likes to do the things that you enjoy? \_\_\_\_\_**

Who likes to the things you enjoy next most? \_\_\_\_\_

Who likes to the things you enjoy next most? \_\_\_\_\_

Who likes to the things you enjoy next most? \_\_\_\_\_



## **Anexo 3**

### ***Important People Interview –IPI***

**Versão traduzida e adaptada**

**Important People Interview –IPI**

Kobak, Esposito &amp; Serwik, 2003.

Traduzido e adaptado para esta investigação por Anabela Santos e Sónia Simões

**PARTE I**

Perguntas dirigidas às quatro primeiras figuras listadas na hierarquia C.							Preencher se, dentro das quatro primeiras figuras listadas na hierarquia C, referir algum jovem/par		
	Nome	Qual é a relação entre vocês?	Qual é a idade dessa pessoa?	Essa pessoa vive contigo? (S/N <sup>1</sup> ) Onde?	Quantos dias por semana costuma ver essa pessoa?	Essa pessoa é do género masculino ou feminino? (F/M)	Como é a tua relação com essa pessoa na escola? <sup>2</sup>	Essa pessoa frequenta a tua escola? (S/N)	Os teus pais aprovam a tua relação com essa pessoa? (S/N)
1.									
2.									
3.									
4.									

<sup>1</sup> Sim/Não<sup>2</sup> De acordo com a escala: **1** = É muito pior do que a relação que tenho com os outros estudantes; **5**=É muito melhor do que a relação que tenho com os outros estudantes.

## Parte II

Para responderes às perguntas seguintes, considera todas as pessoas que listaste anteriormente. Se em algum momento não escolherias qualquer uma das pessoas que fazem parte das listadas, responde com "ninguém".		Rankings			
		1º	2º	3º	4º
1ª	Das pessoas que listaste, de quem é que te sentes mais próximo/a?				
2ª	Imagina que vais viajar sozinho pelo país todo, e vais ficar instalado num hotel por duas semanas. Das pessoas que listaste, de quem é que sentirias mais saudades?				
3ª	Quem tu escolherias para te divertires e passares uns bons momentos?				
4ª	Imagina que estas a ter um dia ruim. Aconteceram várias coisas que te incomodaram. Das pessoas que listaste, quem é que tu irias procurar primeiro lugar para te ajudar a sentires-te melhor?				
5ª	Das pessoas que listaste acima, quem é que gosta de fazer as coisas que tu gostas também?				
6ª	Imagina que tens de fazer uma apresentação de um trabalho em frente da turma toda. Começas a sentir-te bastante nervoso, estás preocupado e com medo de te atrapalhares durante a apresentação. Quem é que te faria sentir mais confiante para fazeres uma boa apresentação?				
7ª	Imagina que estás a caminhar sozinho. Ao atravessares a rua, de repente és atingido por um carro. A próxima coisa de que te lembras é de acordares num quarto de hospital. Quem é que tu chamas em primeiro lugar?				
8ª	Das pessoas que listaste acima, com quem é que gostas mais de estar quando tens tempo livre?				
9ª	Alguém que tu conheces está a dar uma festa, mas tu não foste convidado. Sentes que foste colocado de lado, sentes-te magoado. Com quem é que tu vais falar em primeiro lugar para a te sentires melhor?				